O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

QUARTA-FEIRA 16 DE AGOSTO DE 1893

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 4:289

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Barra e Ria d'Aveiro.—Tolerancia politica.—O Conde de Burnay.—A agencia do Banco de Portugal em Aveiro.—Carta de Lisboa.—Noticiario.—Folhetim: Os Crentes.—Documento importante.—Carta de Coimbra.—Secção agricola.—Secção litteraria.—Bibliographia.—Bibliotheca Historico-Politica.

AVEIRO

Barra e ria de Aveiro

Deve estar com nosco, d'entro de poucos dias, o sr. conselheiro Bernardino Machado, illustre ministro das obras publicas.

Assim se digna sua ex.ª communicar-nos, affirmando nos os seus melhores desejos de iniciar essa grande obra dos melhoramentos da nossa ria e do nosso porto maritimo.

Bem vindo seja pois, e bem haja quem, com a sinceridade que distingue o seu caracter e as intensões nobilissimas que n'elle se revellam, vem decerto receber nas acclamações d'um povo a mais solemne consagração aos seus meritos e aos seus serviços.

Vae já em mais de 40 annos que um malfadado projecto que nos levou o melhor de 500:000$000 em obras que podiam ter custado immensamente menos, deu começo a todo esse deploravel estado de ruina a que, na escala das desgraças materiaes, chegou a barra d'Aveiro.

Pareceu-nos sempre uma utopia a abertura d'uma calle, que, atravessando um largo espaço de terreno bastante elevado, se destina a conduzir as aguas até á bocca do canal, porisso que só com uma profundidade quasi impossivel de obter-se, será accessivel á viação de navios medianamente lotados.

Não podémos comprehender nunca porque exforço de imaginação se concebeu a peregrina ideia de deslocar-se d'uma bacia profunda e ampla, onde a natureza estabeleceu correntes relativamente grandes, com um pezo e uma velocidade extraordinarios, essa volumosa massa d'aguas, para a fazer descrever violentamente uma linha diametralmente oposta á sua antiga linha de derrota, atravez de longos tratos de terreno povoado de plantações que é impossivel profundar.

Pareceu-nos sempre uma utopia, repetimos, e um desacerto de tal ordem, que nos deixa no espirito como que uma affirmação positiva d'uma vontade evidente em contrariar as indicações da sciencia e da experiencia.

Não é realmente facil desviar o rumo natural das aguas, e os factos ahi estão a demonstrar que a projectada calle foi apenas um erro prejudicialissimo, entre os muitos que assignalam o nosso pessimo systema de administração. Foi este o grande mal do nosso porto maritimo, e a seguir-se-lhe a abertura das *Portas d'agua*, para se lhe estabelecer uma ponte que pode ser um modelo archithetonico, mas que significa e representa apenas um desperdicio e uma inutilidade.

Mas, depois de tanto dinheiro gasto ha-de perder-se o trabalho feito? Não sabemos até que ponto proseguiram as alterações no primitivo projecto.

Crêmos, no entanto que, afora os trabalhos iniciados por uma commissão de engenheiros que aqui veio estudar o assumpto, o actual director das obras da barra, que tem o seu nome ligado a grandes trabalhos scientificos de altissimo valor, terá estudado com attenção e certamente com uma vontade decida e já provada, o melhor rumo a seguir.

Confiamos tanto do seu valor e da sua experimentada orientação scientifica e bom censo pratico, como da nossa boa vontade e dos nossos melhores desejos de ver realisado ainda esse grande melhoramento, que trará com a riqueza o futuro e a vida da nossa terra.

E' porisso que ainda nos não abandonou a esperança, e que deixamos aqui consignada a expressão sincera do nosso louvor ao illustre ministro das obras publicas pela sua vinda a esta cidade. Temos verdadeira fé nas suas promessas lisongeiras e na realisação das boas obras em que empenhou, n'um documento que nos honra, a sua palavra de cavalheiro e a sua dedicação patriotica. Venha o nobre ministro á nossa terra, satisfaça assim aos mais ardentes desejos d'este povo, assignalando a sua passagem no poder por um acto de verdadeira conveniencia para Aveiro e para o seu paiz, e nós seremos os primeiros a levantar-lhe o monumento de gratidão publica que se lhe dever.

Venha, e que bem vindo seja!

Tolerancia politica

III

Continuamos na tarefa a que nos impozemos e que dará para uma boa serie d'artigos, visto que o assumpto dá até para um grosso volume.

Fallámos no ultimo artigo d'essa entidade o *Fadista* producto hybrido d'uma sociedade que gasta nos theatros, nas touradas, nas hortas, em todos os elementos de distracção aquillo que tão necessario lhe é para o ensino profissional, e para a instrucção primaria. Os divertimentos da capital são um poderoso elemento da sua pessima orientação na sociedade. Ha alli quem venda o ultimo trapo para ir a uma tourada, ou admirar um *clow* celebre nos circos equestres. Ora nós bem sabemos que todas essas casas d'espectaculo sustentam muita gente, mas tambem as casas da batota sustentam algumas familias, e nem por isso deixam de ser perniciosas; todavia nós somos a favor dos theatros, quando podem illustrar e instruir, cumprindo o antigo: *canendo et ridendo corrigo mores.*

Dissémos, que não é só a reforma da policia, é tambem a reforma dos costumes, e essa deve começar por uma completa reforma do Codigo Penal onde se imponham graves penas aos fadistas, aos portadores de navalhas, aos abusos das creadas de servir que estão a pedir uma completa vigilancia por parte de todas as auctoridades, obrigando-os a cumprirem as suas obrigações e a responderem pelos roubos e furtos que quotidianamente estão praticando, principalmente nas grandes cidades.

Reforme-se o Codigo Penal no tocante a insultos e desobediencias á policia, mas castiguem-se com penas severas para que se respeite a auctoridade; mas para isso é preciso que a policia seja reformada e educada n'uma escola de serviço como é em Londres e em França.

E' preciso que a policia não exorbite das suas funcções, e vamos lá que por toda a parte ella pratica os maiores abusos. Nós presenciamos na capital, haverá sete para oito annos, um facto que nos repugnou bastante.

Uma familia de certa educação brincava, dentro de sua casa, o carnaval. Tinham convidado duas familias intimas da casa para lá passarem o dia d'entrudo. Por um acaso qualquer um cartucho de pós de gomma ou de farinha veio ter á rua, sem que sujasse ou molestasse pessoa alguma.

Foi o bastante para que um policia subisse as escadas do predio e prendesse a familia toda!

Pois agora notem e fiquem admirados! Defronte d'essa casa havia uma taverna onde dois ou tres fadistas, alguns soldados e umas meretrizes diziam em voz alta obscenidades e praticavam actos que bastante offendiam a moral publica, e de que o policia se ria com vontade sem os intimar a callarem-se, ou a prendel-os, que era a sua obrigação. Isto presenciamos nós.

Um dos factos que mais censuraveis se tornam para a policia, são essas prisões nos tres dias do carnaval, fazendo ir intractores na quarta-feira de cinza para a Boa Hora uns mascarados, outros nos seus trajes quotidianos, em pleno dia e pelas ruas mais principaes da capital.

E isto porque? Para dar um par de vintens aos senhores escrivães da Boa Hora. Não é isto uma vergonha e uma desmoralisação nos costumes? E'. Não o podem negar.

Que se castigue quem transgride o edictal que prohibe o uso de outras brincadeiras, vá, porque é lei; mas que se façam ir em procissão esses *grandes* criminosos e ainda mascarados um cento de pessoas, é o cumulo da desmoralisação. E é ver como n'esses dias, a policia anda n'um corropio e desenvolve uma actividade pasmosa! Se aquillo rende, e é escandaloso.

Ora isto é que nos faz mal e que nos preverte.

Tanto se tem querido apurar a sociedade, que a estragaram, isto em todas as terras. Prohibe-se tanta cousa, que se acaba por ninguem se entender.

Dizem que se vae reformar a policia civil, e que o sr. ministro do reino trabalha n'esse sentido. Deus o queira, e que a policia comprehenda depois os seus deveres, e que se nomeiem commissarios, que, além de terem educação, tenham estudos bastantes e possam dar licções de moral e de civilidade aos seus subordinados.

O conde de Burnay

Ha um séstro maldito no nosso paiz em guerrear, em desacreditar, em infamar os homens que, pelo seu trabalho insano, pela sua prespicacia, pelo seu genio emprehendedor, alcançam uma fortuna e um logar proeminente na grande associação do commercio e da industria. Infelizmente não é de hoje esse peccado, vem de muito longe, e até se perde na vista dos tempos.

Vamos escrever duas palavras a respeito do sr. conde de Burnay; e antes de principiarmos esta honrosa tarefa, cumpre-nos dizer que, até á data da sua exclusão do parlamento, do que aqui nada diremos, eramos completamente desconhecidos de s. ex.ª Apenas na capital o conheciamos de vista, nunca lhe fallámos, nunca lhe pedimos o menor favor e obsequio, nunca o elogiámos, mas nunca tambem o insultámos.

Ouviamos fallar no sr. conde—o belga como lhe chamavam; vimos que o *Diario Popular* o atacava, mas vimos depois o opulento banqueiro sair do gabinete do sr. Marianno de Carvalho quando ministro da fazenda, e foi nos corredores d'esse ministerio que vimos a primeira vez o sr. conde de Burnay, então Henrique Burnay, alto, espadaudo, fronte levantada, como que desafiando os invejosos.

N'esse periodo infame das aggressões que lhe fizeram no parlamento e na imprensa, entendemos que a nossa humildade se exaltava pondo-nos ao lado d'um homem que guerreavam, que insultavam, que criticavam, só por elle ter o *crime* de ser rico, trabalhador, honrado e honesto.

Fizemos o que faria todo o homem que amasse a liberdade. Ora tendo nossos paes pugnado por ella, tendo soffrido todo o rigor do tempo da uzurpação, tendo soffrido tanto desde 1828 até 1846, deviamos nós, para honrar a memoria dos entes que nos são mais queridos, pôrmo-nos ao lado d'um homem prestimoso, que mereceu a todos os jornaes, dos mais illustrados e sérios, a sua biographia escripta em lettras de ouro.

Esses jornaes foram o *Commercio e Industria*, *A Tarde* e o *Diario Illustrado*. Leiam-se elles, e verão o que alli se diz d'um homem que pelo seu trabalho, pela sua dedicação, pela sua iniciativa, pela sua honradez, se elevou ás culminancias dos grandes banqueiros; e que tantas e tantas vezes tem valido a esse tristissimo thesouro publico, o Job das Finanças, que pela má orientação politica d'este paiz, anda sempre de sacola ás costas pelas portas estrangeiras a mendigar emprestimos sobre emprestimos, e cada vez mais pobre, mais faminto.

Chegados, pois, a um periodo em que viamos o illustre banqueiro victima de uma guerra acintosa e de despeitos pessoaes, collocámo-nos ao seu lado, e aqui estaremos sempre, por um dever de cidadãos, sem outra recompensa mais do que o bem estar da nossa consciencia.

A' guerra da imprensa nada se podia responder. Nós não desceriamos a discutir com quem entende que a penna de escriptor se põe em almoeda.

Nós, que temos estado sempre ao lado dos que são insultados por uma imprensa pouco séria, podemos dizer que nunca recebemos um ceitil por os nossos trabalhos. Fieis aos principios politicos que seguiremos, não mendigamos aos chefes as recompensas de muitos, e por isto não estamos ricos.

Já veem portanto que estas linhas são escriptas expontaneamente, sem que tenhamos em mira os obsequios do opulento banqueiro.

Vemos ahi um homem que sendo portuguez, até esta patria lhe quizeram negar. Vemos que lhe negaram todos os direitos, e que, por uma aberração qualquer, se lhe fecharam as portas do parlamento; mas que se lhe vão abrir de par em par, graças aos distinctos cavalheiros de Thomar, que querem protestar contra a uzurpação que lhe fizeram.

Hoje é rara essa virtude.

Pois bem. Eleja-se o conde de Burnay, e nós já d'aqui exultamos com esse triumpho, embora seja um voto de menos no parlamento para o partido a que pertencemos; mas que a nação portugueza se ufane de ver que ainda ha corações leaes, dignos e firmes nas suas convicções.

Para exultarmos as virtudes que exornam o caracter do sr. conde de Burnay seria preciso que ellas não fossem conhecidas em todo o paiz.

Nas kermesses, nas subscripções publicas, nas grandes crizes de miseria publica que ás vezes assolam a capital lê-se em todas ellas o nome do **conde de Burnay**.

Negarão isto os que o guerreiam?

Não podem.

Como negociante, como proprietario, como banqueiro, como industrial, como chefe de familia, como cidadão, como portuguez, não ha uma pessoa só que seja capaz de lhe apontar o menor descuido no caminho da honra e da virtude. Se o trabalho é o seu timbre, a caridade é o seu maior brazão.

Depois das eleições, a seu tempo, quando s. ex.ª tiver assento no parlamento, então, n'um folheto, seremos não os thuriferarios do argentario, do banqueiro opulento, mas do cidadão portuguez vilmente insultado por muitos a quem talvez tenha morto a fome. Talvez.

9—8—93. H. C.

A AGENCIA DO BANCO DE PORTUGAL EM AVEIRO

Referimo-nos aqui, ha dias, a irregularidades e violencias praticadas na agencia do Banco de Portugal em Aveiro, porque na administração d'aquella casa, entregue como está a uma creança sem criterio e sem seriedade, se estão dando frequentes irregularidades a que é mister pôr cobro, porque a opinião offendida reclama desagravo, e a indignação recresce a cada dia.

Em virtude, pois, do que dissemos, veio ahi syndicar dos actos d'esse empregado um outro de cathegoria superior, que não sabemos se já principiou ou mesmo se terminou já essa importante commissão de serviço. O que podemos affirmar, é que, devendo nós sermos ouvidos no processo, visto que fomos parte accusadora, ainda até hoje nos não solicitaram o depoimento ou nos pediram o rol das testemunhas que nos é necessario apresentar para justificarmos as queixas que fizemos, e nós não presciudimos d'essa formalidade legal. Precisamos que nos digam com que direito se nega o desconto das letras a firmas respeitabilissimas, exigindo-se fiadores dos proprios fiadores, sellos de decima de juros em letras que os dispensam, e outras anomalias equivalentes; e se acceitam nomes de paes como fiadores dos filhos, nomes de filhos como fiadores dos paes, sem outra garantia, sem outra qualquer segurança; como se mandam para o protesto letras ainda sem acceite; como se deixam de prevenir os interessados prepositadamente e contra expressa determinação dos regulamentos internos, dos dias em que terminam os prasos para pagamento de letras; e como se podem praticar, com grave damno dos interesses do Banco e com manifesta infracção dos seus regulamentos, outras e muitas outras illegalidades, que a seu tempo virão á luz. E' preciso syndicar de tudo isto, e não vimos ainda que se fizesse até agora.

Pois cumpre que se faça immediatamente, e emquanto se não fizer, tambem nós não nos cançaremos de lembrar este dever.

CARTA DE LISBOA

15 DE AGOSTO DE 1893.

Não ha novidades politicas. Os ministros estão na maior parte fóra de Lisboa, e a côrte tambem. A capital está, póde dizer-se, deserta e pela simples razão de que quem pode sáe d'este brazeiro que escalda, d'este forno que ássa a gente. Para o campo e para as praias quem ainda não partiu, vae partir. Emigra tudo.

— O cabo submarino para os Açores, vae a esta hora a um terço do caminho, pois que a amarração se effectuou aqui no proximo domingo, e seguiu logo para a capital d'aquelle archipelago, onde deve chegar no domingo proximo. E' conductor d'elle o vapor inglez *Leine*, que largará 6 milhas por hora até lá. Ao acto aqui assistiram os srs. presidente do conselho e sua esposa, ministro das obras publicas, marquez da Praia e Monforte, Mattoso dos Santos, Alfredo Pereira, Carlos Santos como representante da empreza, conselheiro Deslandes e esposa, Pessoa d'Amorim e filha, Jayme da Costa Pinto, Pedro Diniz, Costa Lima, e outros convidados; mas nenhum membro da imprensa, exclusão que se tornou muito reparada.

De bordo o sr. presidente do conselho dirigiu a sua Magestade El-Rei o seguinte telegramma:

A Sua Magestade El-Rei—Paço da Pena—Cintra.—De bordo do *Seine*, que em poucos momentos parto para os Açores levando o Cabo Telegraphico, tenho a honra de, a Vossa Magestade apresentar as respeitosas felicitações de todos os que me cercam aqui, pela realisação de um commettimento de tão largo alcance para os Açores.—*Hintze Ribeiro.*

E em um bilhete de visita escreveu ao presidente da junta geral de Ponta Delgada o seguinte:

«De bordo do *Seine*, Hintze Ribeiro com viva e fraternal congratulação aos seus conterraneos, lhes envia o cabo telegraphico, que por tantos annos reclamaram. Até que emfim! O velho continente de Portugal estende pelos mares fóra, um braço enorme para comsigo enleiar os Açores. Que este salutar amplexo inspire a todos sentimentos de affecto e de justiça.

Ao telegramma do sr. presidente do conselho de ministros, respondeu sua magestade El-Rei com o seguinte:

«Obrigado pelo telegramma.—Agradeço sinceramente. Faço tambem votos os mais cordeaes pelo feliz acabamento da importante empreza que hoje começou.—*El-Rei.*

— Corre com visos de verdade que o governo recebera uma nota do governo allemão, ainda sobre a questão dos nossos prestamistas do imperio. Tendo-se affirmado que era questão *terminada*, o facto causou aqui um certo assombro.

— A imprensa d'um certo grupo politico não cessa de diffamar a familia real, levantando aleives e não respeitando nada, para ver se consegue o seu fim—desacreditar o chefe de estado e as instituições monarchicas. Ainda ha pouco essa imprensa dizia que Sua Magestade a Rainha, viuva, fizera saques repetidos sobre o ministro da fazenda de Portugal. O facto negou-se porque a verdade mandava combater a infamia, mas o proposito seguiu e segue sempre o seu caminho, visto que as liberdades são livres aqui, para tudo. Mas tanto a versão era inexacta, que a illustre princeza trouxe de Italia mais do que levou: trouxe o remanescente da herança paterna, que seu augusto irmão lhe havia liquidado, e que ascendeu ainda a cêrca de réis 240:000$000. Ora quem trazia esta somma no seu bolsinho, não precisava fazer saques contra quem quer que fosse.

— Sei que foram dadas muitas ordens para o Rio, para transferencias de fundos, logo que o cambio subisse a 12. Como subiu até esta cifra é provavel que tenhamos aqui brevemente muito ouro em resultado de transferencias e saques para Londres.

— Parece fóra de duvida que o sr. conselheiro Thomaz Ribeiro resolvera ir estabelecer-se na India, para o que pediu ao governo uma concessão de terrenos alli. E' uma resolução tardia se tivermos em attenção a edade do illustre homem publico. Apesar d'isso parece resolução definitiva sua, partir para alli logo que tenha conseguido a concessão que sollicita.

— Os valores contidos no cofre do assassinado Manuel José Gonçalves da Silva eram—em libras 4:113$000; em notas de 20$000 e de 5$000 réis 2:800$000; um cordão d'ouro, um trancelim e um annel, avaliado, isto, em 103$000 réis. Foi a sr.ª viscondessa do Arneiro quem tomou conta de tudo na qualidade de cabeça de cazal. Os valores em papel deram antecedentemente entrada na caixa geral dos depositos. O sr. Borges de Castro, sobrinho do morto, tambem assistiu á abertara do cofre. Segue-se agora o arrolamento, tambem judicial, de mobilias, roupas e outros objectos, e tambem das propriedades.

— Apesar da falta d'ouro que se diz haver no paiz, elle vae apparecendo para exportar. Só o paquete *Trent* leva para Londres as remessas que seguem: Dos srs. Bellos & Formigaes 6:000 libras sterlinas; do banco inglez 5:000; de José Antonio dos Reis 5:000 de A. J. da Silva 3:200; de Antonio Vidal 2.000; de H. Daenhaedt 1:100 e de A. Cruz 2:518; 4500$000 rs. em moeda portugueza d'ouro e 135$000 réis em dita americana.

— Mais um suicidio! Agora foi Antonio Julio d'Azevedo Leitão, sargento de caçadores n.º 5, e filho do desventurado Antonio do Amaral de Azevedo Leitão, juiz de direito do Ultramar, que ha tempo se suicidou em pleno tribunal quando ouvia lêr a sentença que o condemnou. O infeliz moço seguiu o exemplo do pae e diz-se que o do avô, que tambem se haviam suicidado. Infeliz familia.

— A ladroagem aqui anda desaforada. A's festas de Badajoz foi muita gente de Lisboa—nada menos de 464 pessoas, algumas das quaes foram roubadas na estação e quando tiravam bilhete, sendo as seguintes as que mais se queixam—Srs. F. Guedes Coutinho Garrido, 300$000 réis em notas; Carlos Cruz, 50 duros e duas letras; Alexandre Pereira, 40$000 réis; Bernardo Castro de Sousa, 5$000 réis; D. Manuel, 20 duros, 16$000 réis em dinheiro portuguez e um alfinete com brilhante encastoado em ouro e platina.

— O uso dos velocipedes e bicycletas está causando damnos que o bom censo condemna. O sr. Francisco Ferreira, irmão do sr. administrador do concelho da Batalha, partiu a cabeça na queda que deu quando se dirigia de Lisboa para Mafra. O facto deu-se na descida de Chelleiros.

— Foi aqui prohibido o jogo de quino de que até os operarios estavam abusando muito. Y.

A' ultima hora.—Um grupo d'individuos que se dizem filiados no partido anarchista portuguez, foram hoje a differentes redacções de jornaes para pedirem a publicação de um protesto contra a ordem do governo que mandou sair do paiz um anarchista hespanhol. O protesto é escripto nos termos mais violentos. Chegamos a isto n'este paiz de costumes brandos! E o governo dorme o somno do justo no meio d'estes desaforos!

— Acaba de dar-se aqui um facto grave. O sr. Alves Correia, redactor da *Vanguarda*, que estava á porta do café Martinho com o sr. Jacintho Nunes, foi traiçoeiramente aggredido com duas pancadas na cabeça. Os aggressores fugiram mas um pode ser preso, e é o gatuno *Chico*, que declarou ser o outro o gatuno *Manuelinho*. Y.

NOTICIARIO

Conselheiro Guilhermino de Barros.—Esteve no sabbado em Aveiro, onde veio para ver o pharol e a barra, o sr. conselheiro Guilhermino de Barros, dignissimo director geral dos correios e telegraphos em Portugal.

Sua ex.ª demorou-se aqui muito pouco tempo, partindo para a Granja, de onde regressará á sua casa da capital. Na sua curta permanencia, visitou não só o pharol, obra a que dedicou tambem o seu valiosissimo concurso, mas ainda a estação telegrapho-postal da cidade, que achou na melhor ordem, elogiando a boa disposição do material, e os empregados da estação, todos os quaes, pelo seu zelo e pela sua actividade, são realmente dignos de elogio. O illustre director geral prometteu interessar-se, perante o sr. ministro das obras publicas, pela approvação do orçamento para a illuminação a gaz do edificio, o que decerto alcançará.

Folgamos com a vinda de sua ex.ª á nossa terra; e, embora curta e quasi ignorada, a visita d'este illustre homem de caracter e sciencia, foi para nós motivo de verdadeira satisfação.

Notas da carteira.—De visita ao nosso respeitavel amigo, sr. marquez da Graciosa, estiveram alli ha dias os srs. visconde de Chancelleiros, conselheiro Guilhermino de Barros, Bispo Conde e conselheiro Vaz Preto.

— Fez annos no sabbado proximo passado a ex.ª sr.ª D. Maria Emilia de Azevedo Cancella, virtuosa esposa do sr. João Augusto d'Azevedo, honrado e zeloso recebedor da comarca d'Anadia.

— Tambem fez annos ha dias o sr. José Martins Tavares, digno proprietario do *Jornal de Anadia*, a quem por isso felicitamos.

— Fez tambem annos ante-hontem o filhinho mais velho do nosso bom amigo e habil clinico, sr. dr. Pereira da Cruz. Muitos parabens.

— De visita ao nobre chefe do partido progressista, sr. conselheiro Luciano de Castro, e sua ex.ᵐᵃ familia, estiveram ha dias em Anadia o sr. Eduardo Moser, D. Sophia Moser e o sr. José de Lemos.

— Foram para o Furadouro os nossos bons amigos, srs. Antonio Soares Pinto e dr. Joaquim Soares Pinto.

— Casou em Agueda o nosso amigo sr. dr. Elysiario Dias Cura, digno delegado na Feira, com a sr.ª D. Maria da Annunciação de Mello, filha predilecta do nosso presadissimo amigo, sr. Luiz de Mello Ribeiro Pinto. Que sejam tão felizes como merecem, é o que muito desejamos.

— Esteve em Agueda com sua ex.ᵐᵃ esposa o nosso illustrado amigo, sr. dr. Joaquim de Mello Ribeiro Pinto, integerrimo juiz de direito da comarca de Vizeu.

— Está muito melhor, o que estimamos, o meritissimo juiz presidente do tribunal commercial do Porto, o sr. dr. Manuel de Beires.

— Já regressou do Bom Jezus de Braga, onde foi com sua ex.ᵐᵃ familia, o nosso muito prezado amigo, sr. Carlos de Faria, distincto escriptor, caracter sympathico e respeitado por todos os que o conhecem.

— Esteve alguns dias n'esta cidade, regressando depois á sua casa de Tabua o nosso muito presado amigo, sr. dr. Urbano Castanheira das Neves, intelligencia superior, caracter lidimo e certamente um dos advogados mais distinctos da Beira.

— Está actualmente em Mathosinhos com sua ex.ᵐᵃ esposa o nosso estimado amigo, sr. Manuel Nunes da Fonseca Brandão, muito digno despachante da alfandega do Porto.

Finamento.—Finou-se ha dias na sua casa de Ilhavo, a ex.ᵐᵃ sr.ª D. Maria d'Annunciação Henriques da Maia e Moura, esposa do nosso muito prezado amigo, sr. Francisco Antonio Marques de Moura, e mãe do sr. dr. Eduardo de Moura.

A illustre finada foi esposa e mãe exemplar. Flagellada por uma doença crudelissima, que por muito tempo a deteve no leito da dôr, a sua resignação foi sempre a d'um anjo. Caritativa tanto quanto lh'o permittiam os meios de que dispunha, os pobres sentem a sua falta porque no seu viver intimo tambem para elles vivia.

A sua falta abriu um vacuo immenso na alma do marido estremecido e dos filhos idolatrados, mas o termo fatal da sua existencia era ha muito previsto e esperado.

Com Deus está a sua purissima alma, por que de Deus são todas as virtudes que da terra se evolatam.

Ao marido estremecido e aos filhos idolatrados enviamos d'aqui a expressão sentida da nossa profunda dôr.

Syndicancia.—Veio a esta cidade o sr. Pereira de Mello, empregado do Banco de Portugal, a fim de syndicar dos actos da sua agencia n'esta cidade. Se o fim da sua visita fosse investigar profundamente do que se passa n'aquella delegação bancaria, devia ter começado por ouvir os queixosos, e de examinar os descontos que alli se teem feito; mas isto não se fez e por isso a investigação, se teve esse nome, não teve o fim que devia ter. Apuraremos o negocio tanto quanto é dever nosso fazel-o.

Visita de inspecção.—O sr. Diniz Kopke de Sousa Lobo, já visitou, *na qualidade de inspector*, a recebedoria da Feira. O illustre funccionario ha-de ser, no desempenho d'esta commissão, o que tem sido em todas as que tem sido chamado a desempenhar:—um observador fiel das obrigações do seu cargo, um perfeito cavalheiro, um homem de bem em tudo, qualidades que se alliam perfeitamente com as difficuldades dos cargos que se exercem, quando elles são difficeis de desempenhar.

Sem exemplo.—Em attenção a constantes reclamações que nos eram feitas, queixámo-nos aqui, ha pouco, do modo porque se está dirigindo o serviço da agencia do Banco de Portugal n'esta cidade e da forma rude, grosseira e violenta porque o agente em exercicio procede no serviço.

Pois em vez de defender-se, se podia ou sabia fazêl-o, informam-nos de que o energumeno veio á imprensa suja na linguagem baixa dos insultos, facil a quem tanto joga na praça o credito dos outros, como a navalha de ponta nas encruzilhadas dos caminhos, para babar reputações que se não maculam, que teem tanto de grande e de elevado como o miseravel de baixo e de pequeno; e cujos intuitos generosos, e cujo procedimento sempre cavalheiroso e nobre a vibora não poderá esquecer, se é que não olvida tambem a memoria dos que lhe foram ou deviam ter sido caros. Ah! não nos obrigue o parvalheira a revolver cinzas, que não é pouco o que temos para dizer-lhe, se tanto nos fôr mister.

Assuma as responsabilidades das suas faltas e dos seus delictos, se é que tambem para isso lhe não escaceia a coragem; responda pelos seus actos; defenda-se se é capaz, como poder das accusações que a opinião lhe faz, mas não babe com a peçonha das proprias mazellas a reputação dos outros, que se não aferem, que se não graduam pela craveira dos seus actos baixos e degradantes.

E adeante, que não nos sobra o espaço de hoje para apreciações que talvez tenhamos de fazer mais tarde.

Solicitador.—Foi auctorisado a exercer as funções de solicitador, nos termos do decreto de 12 de novembro de 69, o nosso estimavel amigo e illustrado collega do *Jornal de Anadia*, sr. Arthur de Campos. Felicitamol-o por isso cordealmente.

Festa ao sr. Poiares.—De Cantanhede recebemos hontem o seguinte telegramma.

Cantanhede, 15, 4 da tarde.—A festa do sr. dr. Poiares optima. A concorrencia ao acto foi grande. A musica de Cantanhede excellente. Grande enthusiasmo — *Correspondente.*

Chalupa Moreira.—Foi lançado á agua no domingo, no estaleiro da Gafanha, a nova chalupa, propriedade do nosso presado amigo e honrado negociante sr. Pedro Moreira. O navio desceu perfeitamente, sendo queimados n'essa occasião muitos foguetes. Ao local affluiu muita gente d'esta cidade.

A banda da guarda municipal de Lisboa.—De regresso de Oliveira d'Azemeis, e a pedido do nosso amigo, sr. Manuel Marinho Ribeiro, digno chefe da estação d'Estarreja, esta excellente banda tocou hontem na gare d'aquella estação algumas peças de musica, sendo muito victoriada e applaudida.

Fallecimento.—Acaba de fallecer em Espinho, victima da tuberculose que lhe ia minando a existencia, o sr. João José Godinho Junior, chefe da 3.ª secção da conservação de estradas n'este districto.

Trabalho de pesca.—Ne segunda-feira houve trabalho em todas as costas, hontem não o houve em todas, e apenas na Costa Nova do Prado e na Torreira, sendo a pesca boa sardinha que no mercado se está vendendo por 1$500 o milheiro. Hoje cremos que o haverá em todas as costas.

Salinas.—Estão actualmente produzindo pouco. Dissémos no nosso n.º anterior que a quantidade colhida seria já tanta como a que se havia colhido o anno passado por este tempo; dissémos isso porque se não contava com a persistencia d'este nevoeiro eterno que tanto tem prejudicado a cultura do sal. Assim o sal colhido até agora não chega ainda a metade do que se havia colhido o anno passado por este tempo, e esta circumstancia determina necessariamente a alta do genero. O sal velho é pouco, o novo é pouquissimo, e n'estes termos o genero tem necessariamente de subir, ninguem sabe até que preço, visto que tão pouco ha, tanto do velho como do novo. Ha dias o preço do novo eram 17$000 réis os 15:000 litros; hoje, pode dizer-se, não ha quem venda por que todos esperam melhor preço.

Cifra importante.—A ida da banda da guarda municipal de Lisboa á festa de La-Salette em Oliveira d'Azemeis, custou aos arrojados festeiros uma cifra muito aproximada se não excedente a 300$000 reis. Parece que esta banda musical vae elevar o seu numero de 46 a 52 figuras.

Mutação feliz.—Um pobre tanoeiro de Villa Nova de Gaya acaba de passar do estado de pobreza mais completo ao estado de rico. Morreu-lhe no Brazil um irmão legando-lhe uma fortuna grande. Appareceram-lhe compradores á *herança*, mas o pobre não queria acreditar em tanta fortuna, dizendo a quem o felicitava por ella que não acreditava. Afinal appareceram-lhe pessoas de seriedade reconhecida que lhe offerecem já réis 40:000$000 a entregar logo. Agora acredita e está disposto a passar a herança que subirá muito, mesmo vendendo-a, da somma já offerecida.

Noticias da Bairrada.—O thema de todas as conversas são os ladrões, que tem sido um nunca acabar de ladroeiras. A Mealhada é o seu quartel general, quem sabe? Serão os mesmos gatunos da mesma villa? A opinião publica assim o diz, porque alli muitos individuos que não tem nada, nem trabalham, teem bons comes e bebes. D'onde vem elles, pergunto eu?

— Os lavradores da Antes, d'este concelho, estão muito satisfeitos pela grande abundancia de milhos já recolhidos. Dizem os nossos velhos que não ha memoria d'uma colheita como a d'este anno. O vinho d'esta região é o primor de toda a Bairrada.

— No proximo domingo festeja-se com grande pompa a Senhora do Carmo, em Antes, com missa cantada e sermão pelo revd.º Botelho, que fará um discurso primoroso, como costuma. A' 1 hora sahirá a procissão, e ás 4 horas da tarde começará uma importante corrida de gericos, que promette ser deslumbrante. A' noite haverá fogo de artificio e tocará em toda a festa a grande phylarmonica Mealhadense, regida pelo habil maestro Santos, que é uma delicia e faz-nos lembrar os excellentes musicos italianos.

Até á semana. S.

«Os Gatos». —Vae sahir uma nova serie d'esta brilhante publicação quinzenal do grande critico portuguez Fialho d'Almeida, editada pelo sr. F. Chagas, digno e infatigavel proprietario da Livraria Academica, rua Aurea, 69—Lisboa.

Consta-nos que o primeiro numero é de assumpto palpitante e por isso prevenimos os nossos leitores com a devida antecedencia para que não deixem esgotar a edição.

Lei do sello.—A nova lei do sello contem as seguintes disposições:—Cartazes, annuncios de divertimentos publicos e quaesquer outros escriptos impressos, estampados ou lithographados, que se affixarem por logares publicos — devendo reputar-se como taes os que podem servir para n'elles se affixarem não só os annuncios e mais papeis pertencentes a certos individuos, como tambem a quaesquer outros interessados — cada um 100 réis. Cartazes ou annuncios que forem pintados nas paredes, ou em quadros fixos ou ambulantes, sem declaração de tempo, como são os annuncios de jantares em hoteis, de venda ou exposição ou publico de qualquer objecto, cada mez que estiverem patentes 600 réis. Estes quadros ou pinturas não poderão ser patentes ao publico emquanto o sello não estiver pago por meio de verba. Para isto. a pessoa que quizer usar d'este meio de publicação, deverá apresentar ao escrivão de fazenda respectivo uma declaração do numero de quadros ou pinturas que pretende affixar, afim d'este funccionario passar a guia para pagamento do sello respectivo ao primeiro mez, e assim successivamente nos mezes seguintes.

Consideram-se affixados em logares publicos os annuncios, que forem nos vestibulos, atrios, corredores e salas de theatro ou de espectaculos, em carros americanos, em trens de praça, de cocheira, ou outras quaesquer vias de transporte á disposição do publico; os annuncios que forem suspensos, collocados ou affixados nos candieiros de illuminação publica, ou em quadros portateis, fixos ou ambulantes.

Consideram-se sujeitos ao imposto do sello todos os mais annuncios que ahi forem affixados, pertencentes a pessoas estranhas ou a diversos interessados. Nos cartazes em que por qualquer fórma se annunciarem espectaculos para mais de um dia será o imposto do sello devido tantas vezes quantos forem os dias de espectaculo para que servirem.

Viagem em balão.—O sr. Jorge Colaço descreve assim as impressões que sentiu quando fez a sua primeira viagem aeria no *Jupiter* partindo do Jardim Zoologico com o seu companheiro de viagem:

«Emquanto ás impressões que recebi são tantas e tão grandes, em tão curto tempo, que ainda hoje me é impossivel coordenal-as, ficando-me só, do que em realidade vi, a imagem fugitiva de um sonho de luz e formosura. Para mim, aquillo foi um segundo monstruoso em que se desenrolou, deante dos meus olhos, um mundo infinito de sensações. Como não subimos a grande altura, Lisboa, nas suas sete montanhas, conservou a sua magestade de antiga rainha conquistadora.

Passámos o Tejo, que parecia uma cobra azul. No horisonte, onde o sol se escondia, as nuvens tomavam fórmas phantasticas de antigos cavalleiros, de cupulas e minaretes de antigas cidades orientaes; o sol antes de esconder-se parecia, ao illuminar essas nuvens com uma luz roxa, querer illuminar as almas dos antigos que passavam, e as cidades outr'ora conquistadas. A côr do horisonte, de um encarnado vivo, sumindo-se vagarosamente com o desapparecer do sol, lembravam-me o sangue vertido outr'ora n'essas conquistas, cujos vertigios pódem desapparecer nos solos orientaes, mas cuja lembrança nunca se deve extinguir n'um coração portuguez. A descida foi rapida. Em cima experimenta-se uma sensação agradavel, e tão grande como a immensidade clara que nos rodeia; ao chegar á terra a tristeza é subita e tão densa como as sombras da noite que avançam e nos envolvem. Chegámos a Lisboa ás 9 e tres quartos. Isto é apenasuma impressão muito familiar, e, como vê, muitissimo rhetorica; o que conto apenas servirá a v. para dizer sobre o caso aquillo que entender. Sinto muito não poder ir pessoalmente despedir-me de v. pedindo-lhe acredite nos meus sentimentos dedicados.—De v. etc.—*Jorge Colaço.*»

Triste.—Sob esta epigraphe um collega nosso de Vianna escreve:

Uma desgraçada mulher de fóra da localidade, que se encontrava n'esta cidade, deu á luz, ahi para os lados do campo d'Agonia,uma criança que morreu horas depois.

Devido á sua extrema miseria, a pobre mãe desejou fazer o funeral do recem-nascido, e recorrendo, portanto, á caridade publica obteve alguns pequenos donativos, que os destinou ao uneral da creança. Procurou o parocho da respectiva freguezia e implorou para que lhe acompanhasse o pequeno cadaver ao cemiterio; o padre acceitou o convite, mas fez-lhe immediatamente ver, que não acompanhava o feretro, sem que lhe pagasse a taxa respectiva. A infeliz mãe objectou que era pobre, que tinha recorrido á philantropia dos viannenses para fazer o enterro decente do seu querido filhinho e portanto que não tinha nem um real para tal fim, accrescentando que em toda a parte os parochos fazem os enterros dos pobres, sem exigirem quantia alguma. Pasme o leitor da resposta do prior cuja sua missão é toda de caridade e amor:—que não fazia enterros gratuitamente e que fosse angariar mais dinheiro! Não commentamos o facto,porque elle é de tal ordem, que nos levaria a largas e profundas observações. Que o publico avalie o que apenas descrevemos e que nos foi narrado pela desgraçada mulher que veio á nossa redacção.

Um mendigo como ha mais.—Como dissémos já, no concelho de Paredes morreu ha dias um mendigo endinheirado. Agora vem-nos o caso noticia mais detalhada, que diz:

«Na freguezia de Lordello, do concelho de Paredes, falleceu a semana passada o mendigo José Moucho, solteiro, de 43 annos, que deixou 77 libras em ouro, 100$000 réis em prata, e uma rasa de moedas de cobre e muitas notas de 5$000 réis para baixo, cujo total ascende a 1:500$000 réis. O miseravel, que até pão pedia para matar a fome, tinha o dinheiro escondido na cosinha da casa de uma sua tia, onde elle dormia. Horas antes de morrer, veiu elle á cosinha, onde se fechou por algum tempo,suppõe-se que a admirar e a despedir-se do seu querido peculio, de que não deu noticia a pessoa alguma. Morto, despiram-lhe a piolhosa roupa que o cobria, e que foi atirada para um canto da cosinha. Quando foram mecher na caixa á procura de outra roupa, é que com grande espanto, deram com aquelle dinheiro. Em vista de tal apparecimento, os irmãos do defuncto foram revistar a roupa que havia sido atirada para o canto e n'ella encontraram 20 libras em ouro. O desgraçado tem pae ainda, mendigo tambem, muito velhinho e doente, que é o herdeiro d'aquella boa pechincha.»

Importa saber-se.—Foi determinado que as cartas de jogar que estivessem fabricadas ao tempo da nova lei do sello, devem ser manifestadas no praso de um mez, a contar de 31 de julho ultimo, pelos fabricantes, vendedores ou detentores, que as tiverem em seu poder, afim de serem carimbadas com a verba da differença da taxa de sello, sob pena de serem essas cartas consideradas como fabricadas em contravenção da lei. Nos differentes concelhos, feito o manifesto respectivo, e depositado o sello, podem os interessados remetter os baralhos para serem sellados e carimbados, ou directamente á casa da moeda ou aos delegados do thesouro nas capitaes dos districtos, ou aos escrivães de fazenda nos seus concelhos, que os enviem á repartição districtal, para por seu inter medio serem remettidos á casa da moeda. Podem tambem entregar nas repartições de fazenda sómente os quatro de oiros de cada baralho para da mesma fórma serem sellados e carimbados, obrigando-se a apresentar na mesma repartição os respectivos baralhos para serem envolvidos com as cintas. Todos os interessados receberão cautellas que serão resgatadas no acto da devolução das cartas e pagarão as despezas feitas com a remessa, devolução e apposição das cintas.

Despachos ecclesiasticos.—Fizeram-se os seguintes:

O rev. Arthur Ernesto das Neves Barreira, apresentado na igreja de S. Mamede do Bolho, no concelho de Cantanhede.

O rev. João Matheus, na de Santo Estevão de Villela,concelho de Paredes.

O rev. Manoel Gonçalves Fernandes, na de Santa Maria de Oliveira, concelho dos Arcos.

O rev. Antonio Gaspar dos Santos, na de Nossa Senhora da Graça de Almagreira, concelho de Pombal.

O rev. Antonio Moreira Araujo, na de Santo André de Villa Boa de Quires, concelho do Marco de Canavezes.

O rev. João Fernandes Cunha, na de S. Thiago de Armosim, concelho da Povoa de Varzim.

O rev. José André Rodrigues de Carvalho, na de S. Jorge do Solho, concelho de Guimarães.

O rev. Manoel Tavares de Amorim, na de S. Paio do Pinheiro da Bemposta, concelho de Oliveira d'Azemeis.

Despachos judiciaes.—Verificaram-se os seguintes:

Antonio Maria Pinheiro Tores, subdelegado na Povoa de Lanhoso, transferido para Braga.

Antonio Augusto Mendonça David, juiz municipal em Alleiros, reconduzido por tres annos.

Servulo Augusto Guimarães, nomeado tabellião da freguezia de Aveiras de Cima.

Lino Antonio Lopes, nomeado escrivão para S. João da Fonte, podendo exercer o tabellionato.

Aguas de Montachique.—Todos conhecem a saluberrima povoação de Cabeça de Montachique, tão frequentada já e onde existe um bello hotel—o *Hotel Carreira*—collocado n'uma esplendida posição, com magnificas accommodações e tratamento de primeira ordem. Cabeça de Montachique recommenda-se não só pela exuberancia da vegetação, pelos soberbos pontos de vista, mas tambem pelas excellencias das suas aguas. Pois quem quizer experimentar estas aguas sem ir lá—o que vale a pena—encontra-as á venda na rua do Principe n.º 224-A e na rua da Bitesga n.º 60.

Carbonato de creosota. — E' uma substancia com a apparencia do mel, mas mais escura. E' insoluvel na agua, miscivel no alcool e no ether e soluvel nos oleos gordos. A acção do calor ou a addição do alçool ou de oleos aquecidos, torna mais fluido o carbonato de creosota.

E' inodoro e não tem o sabor ardente da creosota; é apenas ligeiramente amargo. Decompõe-se pelas substancias alcalinas, assim como no organismo animal, em creosota produz um effeito tão favoravel na tuberculose pulmonar como o cabornato de gualacol (V. Merck, relatorio annual 1891, 37). Posto que este ultimo producto seja de mais facil manipulação por causa da sua forma crystalina, Chaumier (Sem med. 1892, 383) prefere-lhe o carbonato de creosota porque ao lado do gualacol, contém outras substancias activas existentes na creosota. Chaumier ministrou por 5 grammas e mais de carbonato de creosota sem observar effeitos desastrosos concomitantes, nem sequer a menor irritação.

A tuberculose.—Foi encerrado em Paris o congresso para o estudo da tuberculose. Foram approvados varios pareceres: o do dr. Nocard, para que aos animaes reproductores seja applicada a tuberculina; o do sr. Roinard, para que as carnes destinadas a consumo publico sejam expostas á venda só depois de reconhecidas em bom estado por um inspector perito; outro do sr. Nocard, para que em todas as escolas publicas seja obrigatorio o uso do escarrador; a do sr. Petit, para que os cadaveres dos tuberculosos sejam desinfectados antes de entregues á terra; outra do mesmo, para que os hospitaes de tuberculosos sejam edificados no campo, e que nos hospitaes geraes sejam reservadas aos doentes enfarmarias á parte, etc., etc. Oproximo congresso realisa-se em 1896, sob a presidencia do professor Nocard.

O cholera. — A epedemia cholerica continua grassando em Napoles, mas parece que o numero de obitos não augmenta e que pelo contrario tende a diminuir. Em Moscow, no dia 30 de julho, déram-se 29 casos e 15 obitos devidos ao cholera. Em S. Petersburgo foi officialmente verificada a existencia da epidemia. A folha official da Romania annuncia que desde o dia 9 a 23 de julho se registraram em Braila 12 casos de cholera. Não se verificou ainda se se trata do cholera asiatico ou esporadico. Em Bucharest estão-se fazendo estudos bacteriologicos sobre a qualidade da epedemia. Os peregrinos de Meca estão subjeitos em Marrocos a uma quarentena de 10 dias *de observação na ilha de Mogador.*

O cholera e as peregrinações a Meca.— As informações officiaes recebida pelo Conselho Internacional sanitario de Alexandria dizem que este anno foram victimas das peregrinações a Meca 30:000 pessoas; que os cadaveres se acham aos montes pelo caminho de Mouna a Meca; e na cidade Sancta não só a cholera, mas as febres perniciosas e diarrhea fizeram estragos horriveis. Suppunha-se antigamente que a cholera era importada pelos navios da India, mas as ultimas invasões da epidemia mostraram bem que a origem erão as peregrinações a Meca porque seria a sublevação geral contra os christãos. Estuda-se actualmente esta questão, e parece que o alvitre mais facilmente praticavel é que nos annos em que houver peregrinações da India,Java e Zemen,onde existe sempre a cholera ficarão prohibidas as peregrinações do Egypto, da Siria, da Turquia, Argelia, Tunis, Marrocos etc., que communicam com a Europa. Estabelecer-se-á alternativa entre as peregrinações do Sul e do Norte, e assim o contagio; porque é sabido que a cholera é importada da India para Meca, e d'aqui para a Europa. A proposta é simples e pratica; e os jornaes francezes tem levantado uma verdadeira campanha que todas as nações da Europa devem secundar, porque nenhumas outras providencias sanitarias se impõem com tanta justiça.

O congresso scientifico de Besançon.—Pelos jornaes de Besançon (França) que acabamos de receber, vê-se que se inauguraram alli no dia 3 do corrente as sessões do congresso scientifico, em que toma parte o nosso distincto compatriota e illustre representante da Academia Real das Sciencias, de Lisboa, sr. Rodolpho Guimarães.

Um publico escolhido assistiu á sessão inaugural. Usou primeiro da palavra o *maire* de Besançon, que saudou os membros do congresso e agradeceu o terem escolhido para séde do 20.º congresso aquella cidade. Fallou em seguida o presidente do congresso, mostrando o duplo fim a que se propõe a Associação Franceza para o avançamento das Sciencias: — o progresso scientifico e engrandecimento da patria, terminando por dizer que os homens de Sciencia trabalham tanto pela verdade e pela justiça,que hão-de exterminar a guerra. Este orador foi muito applaudido. Seguiram-se-lhe no uso da palavra alguns membros do congresso, que se occuparam dos valiosos fins do mesmo. Houve depois da sessão recepção official na casa da camara, que estava decorada com muito gôsto e brilhantemente illuminada. Os membros do congresso visitaram já o estabelecimento de banhos salinos de Moullére e a escola nacional de relojoaria. O nosso compatriota sr. Rodolpho Guimarães recebeu a distincção de ser nomeado presidente honorario de uma das secções do congresso. As discussões havidas nas diversas secções do congresso téem sido sobremaneira interessantes.

Um principe que se faz frade.—Contrariedades no amor foram a razão determinante do passo ultimamente dado pelo archiduque Maximiliano da Saxonia. O telegrapho já ha dias nos trouxera a noticia de que elle entrára para um convento; mas com o seu laconismo habitual não nos disséra o que o levára a proceder de tal modo. A principio disse-se que o principe trocára o seu brilhante uniforme de official do exercito allemão pelo humilde habito do monge, influenciado pelas suggestões do padre jesuita Whal, bispo de Dresde.

Era pouco romantica a explicação, e não podia satisfazer ao povo, costumado a considerar os principes como seres extraordinarios, que estão sempre representando o papel de heroes de romance. Procurou-se, pois, outro motivo para explicar a entrada do principe no convento, e os romanticos podem estar satisfeitos com a nova versão, que hoje se dá como authentica. O principe Maximiliano estava apaixonado, e apaixonado sem esperança. A mulher objecto do seu amor não era nenhum impossivel pela differença de posição social entre ella e o principe. Tratava-se d'uma princeza e princeza allemã. Segundo se diz é uma das mulheres mais bonitas da Europa. Mas é tão ambiciosa quanto é bella, e além d'isso protestante, ao passo que o joven principe é um fervoross catholico. Não sabemos se a bella princeza Fedora, irmã da imperatriz da Allemanha, pois é que d'esta se trata, correspondia ao amor do infeliz filho segundo do irmão do rei da Saxonia. O certo é que o imperador Guilherme, conhecedor do caso, oppoz o mais decisivo veto ao casamento entre Fedora e Maximiliano. Guilherme III é um protestante fanatico, que se zangou bastante com a irmã quando esta teve de converter-se á fé orthodoxa para casar-se com o principe herdeiro da Grecia, jurando então que nunca mais um membro da sua familia se enlaçaria com quem professasse uma religião differente da protestante. Por isso agora empregou todos os meios para impedir que fossem por diante os galanteios entre os dois jovens. Um recurso apenas ficava a Maximiliano: fazer-se protestante. Mas poude mais n'elle a religião do que o amor, e perdidas todas as esperanças de felicidade mundana lançou-se nos braço da Egreja fazendo-se frade.

Bodas seculares.—Como se sabe ha as bodas de prata que se celebram depois de vinte e cinco annos de matrimonio, as de ouro após cincoenta e as de diamante após sessenta. Mas como qualificar a festa dada em honra de dous patriarchas que, durante um seculo, compartilharam as alegrias e as contrariedades da existencia? E este facto, quasi inverosimil, acaba de se dar em Zzombolyi, na Hungria. Provou-se por documentos officiaes, de incontestavel authenticidade, que em maio de 1893 os esposos Szathmary se uniram pelos laços do matrimonio, o que dá a cada um a idade minima de 115 a 120 annos.

Os habitantes mais antigos da aldeia nunca os conheceram sendo velhos. Apesar d'isso os dous patriarchas ainda não ha muito que se alimentavam pelo producto do proprio trabalho. Presentemente sem familia e sem forças, estariam reduzidos á miseria se a administração municipal não lhes désse uma pensão. Além d'isso, depois da celebração das suas bodas seculares, toda a Hungria tem ido visitar os dous veneraveis anciãos, prodigalisando-lhes toda a especie de recursos.

Uma herança de quarenta milhões. — O conde Alexandre Lucomiski, que morreu subitamente em Paris, na «Societé Generale», ha dias, em seguida á ruptura d'uma aneurisma, deixou uma herança de 40 milhões. Não tinha herdeiros forçados, instituiu herdeiro universal um filho do principe russo Eugene Lubomirski; porém como na familia ha tres individuos com o mesmo nome torna-se difficil saber qual d'elles será o herdeiro. Se não concordarem n'este ponto, a questã será levada para os tribunaes russos.

O canal de Corintho.—A inauguração do canal de Corintho, effectuou-se como estava annunciada. Primeiramente foi cantado um *Te Deum*, a que assistiram a familia real, os ministros, o corpo diplomatico e os convidados. Em seguida o rei Jorge da Grecia pronunciou um discurso, no qual fez a historia da empreza. O presidente do conselho de administração do canal, depois de um pequeno discurso, apresentou umas tesouras de ouro á rainha com as quaes cortou as fitas de seda branca que se estendiam de uma á outra margem do canal. Depois d'esta ceremonia, a familia real foi para bordo do *yacht*, que percorreu o canal no meio de bravos e de acclamações phreneticas que a enorme multidão soltava de ambas as margens. Em seguida ao *yacht* real ia a flotilha de torpedeiros commandada pelo principe Jorge, um navio de guerra russo e quatro inglezes. A passagem fez-se sem o menor incidente. As duas margens do canal estavam empavesadas de bandeiras de diversas nacionalidades.

Sinistro em uma bahia.—Dizem de Londres que se afogaram no dia 6, na bahia de Swansea, 22 pessoas que tinham organisado um passeio em barco por aquella bahia. O barco sossobrou quando estava bastante afastado da margem, em sitio em que não havia uma embarcação que podésse ir em auxilio dos naufragos.

Terrivel explosão. — Noticias da China chegadas a Loadres annunciam uma terrivel explosão occorrida no paiol do governo de Sam Yuen, perto de Cantão. As consequencias da explosão foram medonhas. Ficaram destruidas mais de mil casas e o numero de victimas é avaliado em 5:000.

Collecção de sêllos importante. — O British Museum acaba de expôr nas suas galerias uma collecção de sêllos que lhe foi offerecida por um rico amador. E' uma collecção sem rival, que comprehende mais de 250:000 sêllos diversos *e que vale mais de 180:000$000.*

O tumulo de Sophocles.— Um hellenista e explorador allemão, pretende ter descoberto o tumulo de Sophocles perto de Decilia, na Grecia,em uma propriedade pertencente a corôa.

Munter, assim se chama o hellenista allemão, nas escavações que fez, encontrou tres sepulturas de marmore, e crê que uma d'ellas deve ser a do grande tragico grego,por distar exactamente 11 estadios dos muros de Decilia. na estrada de Athenas, e ter encontrado n'ella um bastão recurvado, que parece corresponder ao bastão dos velhos que Sophocles introduzira na arena. As inscripções tumulares tinham desapparecido, e talvez por isso a hypothese do hellenista allemão tem encontrado contraditores.

Enterrado vivo.—O publico americano segue com vivo interesse os preparativos feitos por Seymour, para se fazer enterrar vivo. Um medico, o dr. Dann, que está encarregado de vigiar estes preparativos, declarou que não lhe resta duvida de que o projecto de Seymour se realise. Durante alguns dias, antes de se sepultar, Seymour sustentar-se-ha exclusivamente de alimentos productores de gorduras; depois por-se-ha em estado de catalepsia, enchendo primeiramente os pulmões de ar puro. O nariz, os olhos e os ouvidos serão hermeticamente tapados com cera, e pelo corpo será derramado petroleo, afim de comprimir os poros. O corpo ficará mettido em tres caixões perfurados, afim de que possam sahir os gazes que serão absorvidos pelo sólo argiloso, onde se fará o enterro. Seymour conta estar 48 dias enterrado. Que lhe preste.

Certamen internacional.—Nos dias 14,15 e 16 do proximo mez de setembro deve realisar-se em Salamanca, por occasião da grande feira annual um concurso internacional de bandas de musicas civis e militares. Entre os premios haverá alguns de grande valor offerecidos pela rainha regente de Hespanha e pela infanta D. Isabel, sendo alem d'isso destribuidas 6:500 pesetas (1:700$000) qnantia offerecida pela camara municipal de Salamanca e a deputação d'aquella cidade e provincia. As adhesões a este certamen que se auspicia brilhante devem ser communicadas até o dia 20 do corrente.

O café do Brazil. — Em 1 de agosto os *stocks* de café eram no Rio de Janeiro de 228:000 saccas e em Santos de 159:000, um total de 387:000 saccas. Durante a semana terminada n'aquella data a exportação de café foi de 37:000 aaccas; sendo do Rio para a Europa 6:000; para os Estados-Unidos 8000; e de Santos para a Europa 9:000 e para os Estados-Unidos 14:000.

A pena de morte na Suissa.—Por causa de diversas sentenças de pena de morte pronunciadas ultimamente por alguns tribunaes da Suissa, tornou a levantar-se na Confederação helvetica uma grande reacção contra aquella pena, restabelecida por alguns cantões. O jornal *Tageblatt*, de Lucerna, tem publicado grande numero de cartas pedindo o indulto do assassino Keller, que espera na cadeia d'aquella cidade o dia da expiação do seu crime. Uma d'essas cartas diz:

«Matar um homem é uma acção barbara, uma vergonha para um paiz, e a Confederação devia oppôr-se a isso. Um verdadeiro suisso deveria saber respeitar o sólo que lhe deu o Creador e não o ensopar de sangue humano.»

O que ganham os medicos.—O governo russo acaba de manifestar a intenção de fixar por meio de um *ukase* os honorarios dos medicos. Haverá d'hora em deante uma tarifa que não poderá ser ultrapassada, sob pena de contravenção. A esse respeito talvez seja interessante recordar alguns exemplos de honorarios phantasticos. E comecemos pelo Imperio de Czares, sob a grande Catharina. A viuva de Pedro III, muito accessivel ás novas ideias, chamou certa vez á sua côrte o celebre dr. Dansdale, para experimentar a vaccina, que Jenner acabava de descobrir. O methodo deu em verdade os melhores resultados.

A Imperatriz, encantada, dirigiu ao feliz pratico, conjunctamente com as suas felicitações, uma somma de 250:000 francos de honorarios, 50:000 para despezas de viagem, um retrato, os titulos de barão, de conselheiro do Estado e de medico particular de Sua Magestade Imperial e uma pensão annual de 72:500 francos! Uma brochura da epoca, relatando o facto, terminava a sua relação com estas palavras: «O dr. Dansdale retirou-se satisfeito!»

Satisfeito tambem, devia ter-se retirado o dr. Sachin, da Universidade de Moscow, que, chamado á cabeceira do famoso millionario Tereschtschenko, de Kiew, o mesmo que mandava buscar os medicamentos de Moscow em trem especial, recebeu d'elle depois de o haver curado, uma carteira com 14:000 rublos e 2:000 para o seu ajudante. Um doente que sabe apreciar pelo seu justo valor a sua saude é ainda o nababo de Rampur. Este, atacado de rheumatismo articular, mandara chamar ha cerca de oito mezes o major Freyer, medico inglez. O major teve a *feliz fortuna* de curar o soberano depois de um tratamento de tres mezes, e recebeu d'elle n'essa occasião, como testemunho de satisfação, uma carteira contendo 10:000 libras esterlinas. Na Inglaterra os serviços medicos são perfeitamente retribuidos. Basta dizer que o embaixador de França, tendo encarregado o dr. Russel Raymolds de ir a Bournemouth verificar o estado de saude de Cornehur Herz, cobrou-lhe, como honorarios, a modesta somma de 800 libras! A dar-se credito ao chanceller do *Echequer*, nada ha menos lastimavel que a situação do medico inglez. Lord Greschen, fallando do imposto sobre renda, declarava ha pouco tempo na camara dos communs:

«Os lucros dos tecedores do algodão, esses riquissimos industriaes, não equivalem aos do corpo medico.»

Que se tornarão todos esses algarismos, quando a ideia da *musica therapeutica* preconisada pelo inglez Biackmaun e pelo russo Dogiel, tiver feito seu caminho? O caso do celebre pianisto Paderewiki dá-nos a tal respeito certa perplexidade. Este, com effeito,desde 2 de janeiro, dia de sua partida de Nova York, até o começo do mez de maio, deu 50 concertos que lhe renderam 161:000 dollares. Os musicos—therapeuticos d'essa virtuosidade—estarão reservados para os poderosos rajahs da India, que possuem minas de diamantes. Quanto aos pobres soberanos da Europa, não poderiam elles, mesmo vendendo as suas corôas, aventurar-se a uma curta molestia.

O povo mais antigo da terra.—Nos arraiaes da sciencia está pespetrando grande interesse uma descoberta do inglez Douglas Howard. Nas suas viagens descobriu elle o povo mais aintigo da terra e que sempre habitou o mesmo territorio, pois que já 700 annos antes de Christo um historiador japonez escrevia: «Os nossos augustos soberanos baixaram n'uma caravella e encontraram n'estas ilhas varias raças barbaras das quaes a mais feroz era a dos *Ainus*».

Esse povo—os—*ainus*—cuja origem se perde nas brumas dos tempos nebulosos, é citado ainda por outros chronistas das primeiras eras em que a historia do mundo mal balbuciava as suas informações, confundidas com as tradições da fabula. E em todos os pergaminhos e notas d'esses tempos remotos se encontra o mesmo nome de *ainus* e a indicação da sua residencia.

Vivem elles no norte do Japão n'uma facha de terreno em Saghalin, a ilha onde a Russia possue um presidio para os condemnados mais perigosos.

Os *Ainus* são uma raça á parte e conservam ainda hoje o typo privativo, o que se deve á sua repugnancia pelo cruzamento com outras raças. Só se casam com mulheres da sua tribo e raras vezes com as das aldeias proximas, embora sejam *ainus*. Atribuem-se uma origem de orgulhosos.

A lingua *ainu* não tem analogia com outras quaesquer linguas da terra. Ninguem ss entende, nem mesmo os povos visinhos. Vivem da pesca e da caça, que exercem pelos processos privativos, mantendo assim as suas tradições de que não devem receber nada dos outros povos. As mulheres fazem todos os trabalhos, menos os da pesca e da caça. Os maridos consideram-as seres inferiores, e tão despreziveis, que não as incluem no numero dos habitantes, nem permittem que ellas façam sacrificios para que não profanem os altares. Adoram o sol como divindade primeira e cada *ainu*, tem em casa um deus particular talhado em madeira pelo proprio *ainu*.

Os *ainus*, que vivem no estado selvagem, teem o corpo todo coberto de pello. Tal é o povo mais antigo da terra e onde a sciencia poderá recolher dados preciosos.

A força hydraulica e o consumo do carvão.—Em França o consumo da hulha é superior em um quarto á producção das suas minas de combustivel. Mas a quantidade de agua que é cada anno lançada no mar pelos seus rios, está avaliada em 190:000 milhões de metros cubicos, ou 6:000 metros cubicos por segundo. Tomando em consideração a differença de attitude média, ha proximamente dez milhões de cavallos-vapor inutilisados, força theoricamente correspondente a um consumo de 100 milhões de toneladas de hulha.

Supponho que só o quarto d'esta

---

139 **FOLHETIM**

PEREZ ESCRICH

OS CRENTES

TRADUCÇÃO

XV PARTE

A CEZAR O QUE É DE CEZAR

IV

ONDE SE RECOMMENDA AO LEITOR UM FRASCO DE AGUA DE COLONIA

A baroneza de *Cuadradrillo* tinha quarenta e dois annos, segundo a certidão de baptismo, e para o publico trinta e seis. As mulheres, em passando dos vinte, poucas vezes fallam verdade, em se tratando de edades.

Era Flora uma d'essas mulheres de estatura baixa, gorda e com côres tão vivas nas faces, que parecia que lhe reventava o sangue.

A morte do seu adorado Oscar, não conseguira empallidecel-a.

Isto desesperava-a.

— Oh! ainda depois de morta terei estas côres?!—e xclamava com desespero—isto é uma desgraça!

Flora queria apresentar juventude e sensibilidade; isto é, a contraposição do seu prosaico e grosseiro rosto.

A baroneza estava no seu gabinete, com os olhos arrasados de legrimas. Aquelles pequenos e pardos, quasi sumidos na carne das faces, estavam dolorosamente fixos n'um sophá de velludo escarlate. Sobre este sophá estava o cadaver do tótó, do incomparavel Oscar, do Páris d'aquella Helena ridicula. Uma criada, de pé junto da porta com um frasco de agua de colonia na mão, e disfarçando a vontade de rir que similhante scena lhe causava, esperava as ordens de sua ama.

De vez em quando, a baroneza exhalava um suspiro prosaico, porque os suspiros tambem teem poesia, e exclamava:

— Tardam tanto! Pobre Oscar da minha vida!... Parece-me que cheira mal: Agostinha, perfuma-o.

A criada caminhou até ao sophá, derramou algumas gotas de agua de colonia sobre o animalejo, e chegando immediatamente o frasco ao nariz, tornou a occupar o seu posto, reprimindo a vontade de rir.

— Luto n'alma para o resto dos meus dias... a tua imprevista morte veiu destruir a minha felicidade.

E executando uma mudança de tom repentina, exclamou com modos de pura regateira, cerrando os punhos:

— Oh! se eu pilhasse nas unhas o patife do sereno que lhe deu o bolo, podia encommendar-se a Deus.

N'este instante, entrou Alexandre, o esposo de Flora.

— E o empalhador? — perguntou a baroneza.

— O empalhador, minha queridinha—respondeu Alexandre no tom dôce e suave do marido que carece de força moral em casa—não póde vir n'este momento.

— Não póde vir?... Então esse grosseiro julga que lhe não pago?

— Não é isso, Flora, não é isso.

— Vou jurar que fizeste asneira.

— Já me tardava. Sou eu sempre que...

— Faze-te victima; não me faltava mais nada; a culpa tenho-a eu de te incumbir de coisas de importancia; andas sempre com a cabeça nos ares. As musas endoidecem-te, mas nunca serão tuas amigas. Oh! quem me dera que te deixes de escrever banalidades, que só servem para que os mais se riam de ti e a mim para me fazerem pagar as comesanas com que retribues os elogios d'essa chusma de esfomeados que te cercam.

Alexandre curvou a cabeça como a victima que já se resignou ao sacrificio, e suspirou dizendo:

— Flora, se insistes em me lançares em rosto a tua riqueza, o nosso matrimonio terá um desenlace funesto.

— Ah! meu Deus, meu Deus! que mulher tão desgraçada que eu sou! Ninguem me comprehende: digo mal, tu, sim que me comprehendias, adorado Oscar, mas tu não existes... Maldito seja o que, com o fatal veneno, cortou os dias da tua existencia!

Alexandre,ainda que dominado por aquela mulher, que lhe apparecera como um castigo, esteve aponto de soltar uma gargalhada.

Como o tótó ia soffrendo os effeitos natnraes da decomposição de todo o corpo morto, não muito agradaveis emanações se espalhavam pelo gabinete. Algumas deviam chegar ao nariz de Alexandre, pois se atrevera a dizeer:

— Está aqui um cheiro insuportavel... é preciso decidires-te: ou deitar fóra esse animal, ou empalha-o; no segundo caso, manda-o a casa de Severini, que elle agora não póde vir cá e se perdermos muito tempo, talvez que não possa realisar-se o teu desejo.

— Cruel! inhumano!... Com que indifferença, com que frieza tratas o cadaver de Oscar!

E, voltando-se para a criada, continuou:

— Agostinha, pega em Oscar e vamos a casa de Severini

A criada fez um gesto de repugnancia bastante pronunciado, porque o cãosito já não estava em estado de se lhe pegar.

— Perdoe, minha senhora, mas eu não levo o cão. Póde despedir-me, se quizer, mas...

— Oh! isto é o cumulo da ingratidão!—exclamou a baroneza.— Pois bem, leval-o-hei eu; não preciso de ninguem.

E olhando em redor, como se procurasse um pano funebre para envolver o cadaver, pegou d'um chale côr de grão com lavores pretos, embrulhou o cão, levou o embrulho nos braços e sahiu do gabinete, magestosa e altiva.

— Vae-te com trinta mil diabos! —xclamou Alexandre logo que a perdeu de vista—Agostinha abre as janellas e rega tudo com vinagre ou agua de colonia; receio que o maldito cão nos traga a colera, ou outra doença similhante.

E dizendo isto, dirigiu-se para o escriptorio. Sigamos Alexandre, que se deixou cahir n'uma cadeira com a prostracção do homem que tem como irremediavel a sua desgraça.

— Tinha feito melhor em me suicidar!

Foi esta a exclamação do poeta inedito quando se viu só no escriptorio, porque desgraça e não pequena é casar-se um homem pobre com uma velha rica que lhe atira á cara tres vezes por dia com a sua fome passada.

Os matrimonios deseguaes sustentam raras vezes o equilibrio que estabelece a felicidade.

Uma mulher pobre, quando possue bellezas moraes e phisicas, pode casar até com um rei, porque a formosura d'alma e a belleza do rosto são inapreciaveis. São duas realesas que Deus concede á creatura. Mas um homem pobre que casa com nma velha rica, faz mau negocio, que só lhe acarreta desgostos, salvo rarissimas excepções. A paciencia de Job não basta para soffrer uma velha que se pinta, que se arrebica e que julga ter um coração moço. Não ha arma mais terrivel para ferir a exquisita sensibilidade do amor, que o ridiculo; espada de tres gumes que tudo corta, que tudo gangrena. Como dissemos, Alexandre estava para suicidar-se quando encontrou a baroneza, e salvando o adorado Oscar de morrer afogado, a baroneza recompensou aquelle heroico acto de valor, offerecendo-lhe a mão.

Alexandre tinha fome, vestia de verão na estação dos gelos, habitava n'uma miseravel agua furtada, cujo aluguer não pagava, escrevia dramas, que os theatros não acceitavam. O seu futuro, pois, era negro como uma noite de trovões, triste como o rosto d'um ex-empregado, desesperado como a agonia da mosca apanhada pela aranha. A baroneza tinha carruagem e dez mil duros de rendimento.

Alexandre achou Flora quasi acceitavel: o estomago dominou a cabeça: pareceu-lhe que Flora era ainda uma mulher formosa. Breve teve o convencimento do contrario.

A baroneza era uma pura mentira: o cabello, d'um ruivo cinzento, tinha sido comprado em casa de Vinater; os formosos dentes, em casa do dentista Leon; quanto á alvura da cutis e ao rosado das faces,era tudo obra de Fortis.

Chegou a noite do casamento e com ella a desordem consequente; o poeta viu diante dos olhos a terrivel verdade. Suspirou. Acaba de ver sua mulher tal qual ella era, isto é, feia, calva, sem dentes e com a cutis manchada e escura. Já era tarde!!

Desde aquelle momento nunca mais se lhe riscaram da mente estes quatro versos do celebre Breton de los Herreros:

Quando q'rerá o fado meu
que esta existencia se conclua
ou d'uma pneumonia sua
ou da bala d'nm tiro meu.

Resignou-se.

Estava decidida a sua sorte: era preciso esperar, uma vez que lhe fatava o valor para se suicidar.

Tal era a situação de Alexandre, quando se abriu a porta do seu gabinete e entrou um criado, annunciando-lhe que um sujeito, que se dizia seu antigo amigo, estava esperando para ser recebido. Alexandre suppoz que o tal amigo era Cesar, a quem desejava ver, porque Torresaltas era rapaz de engenho e de grandes recursos.

Mandou-o entrar.

(Continua.)

força seja aproveitado por meio da electricidade, a França não deverá importar do estrangeiro um bago de carvão. E' o que deduz M. Marc de Nansouty na sua importante revista technica, a *Engenheria civil*, que tão proficientemente dirige. E não só é irrefutavel, mas ao resultado assim apresentado se deve dar a maior publicidade, porque aproveita a todos os paizes e em especial aos que possuem combustivel fossil sufficiente.

No estado em que actualmente se encontram os progressos da producção da energia electrica, sua distribuição e transmissão, para se realisar sem demora este emprehendimento, bastaria apenas despertar a attenção do publico no grau sufficiente para o patrocinar. Bastará estabelecer nos rios as competentes turbinas que pondo em movimento as machinas electricas, distribuirão nos arredores a força e a luz. Para o Sena, em especial acham-se em estudo diversos projectos de utilisação. De Montereau a Paris, o Sena tem 20 metros de declive com o pequeno despejo de 50 metros cubicos por segundo. Iisto repesenta, segundo nota M. de Nansouty, um milhão de kilometros ou mais de 13:000 cavallos-vapor. Avaliando em 2 kilogrammas por cavallo e por hora a econimia de combustivel que resultaria do aproveitamento d'esta força, teriamos o beneficio de 600 toneladas de carvão por dia. Em Port-á-l'Anglais, a quéda no açude é de 3 metros de altura, o que, á razão de 50 metros cubicos por segundo, representa 2:000 cavallos-vapor utilisaveis. A quéda de Suresnes, proximo do Mont-Valérien, poderia fornecer, por um calculo analogo, 1:150 cavallos de effeito util. Devia fazer-se uso d'esta força para elevar a agua do Sena n'um reservatorio e fornecer todos os bairros do oeste de Paris de agua de rega em abundancia, permittindo economisar a precisa agua potavel de que, apezar de tantas despezas e de tão grandes trabalhos, se não possue ainda grande quantidade como os hygienistas reclamam.

E o nosso paiz, com os seu rios torrenciaes, que força não poderia fornecer á industria?

Os animaes damninhos. — Nas casas, nos jardins e nos campos perseguimos, a cada passo, animaes a que chamamos damninhos, fazendo-lhes guerra de exterminio. Mas, quando assim fazemos, não nos lembramos de que muitos d'esses animaes, se por um lado nos encolerisam com os seus instinctos destruidores, por outro com esses mesmos instinctos nos trazem grandes beneficios. Temos, por exemplo, a toupeira, que nos campos e jardins causa bastante prejuizo com as galerias que cava debaixo do solo. Mas, compensando com grande vantagem esse prejuizo, a toupeira, como animal carnivoro que é, destroe grande numero de larvas, de vermes e de insectos de toda a especie e nunca devora as raizes das plantas, ao contrario do que muitos dizem. Além d'isso, a toupeira é inimiga cruel dos ratos, fazendo-lhes grande guerra. Assim, este animal traz mais beneficios do que damnos á agricultura. O sapo, animal pouco sympathico, não só é inoffensivo, mas presta grandes serviços, livrando as culturas de um grande numero de vermes, de insectos e de lesmas.

As cobras e os lagartos, que se podem dizer inoffensivos, mas que, ainda assim, geralmente se temem, são proveitosos á agricultura, pois exterminam milhares de larvas, de gafanhotos, de vermes e outros destruidores dos fructos e sementes. D'esses reptis só é perigosa a vibora. A doninha, que procuramos livrar das coelheiras e capoeiras, por destruir as ninhadas, tambem presta bons serviços, porque mata grande numero de ratos. Para as aves, principalmente de presa, temos quasi sempre tambem más disposições, que até certo ponto são fundadas, pois essas aves matam grande numero de passarinhos insectivoros e atacam as aves domesticas. Mas, a par d'isso, muitas d'ellas prestam assignalados serviços, destruindo pequenos animaes e insectos que causam prejuizo. Até o pardal, que o rapazio persegue, se é certo que come algumas sementes, e fructos, tambem é certo que livra as culturas de grande quantidade de lagartas, larvas e insectos destruidores. Damninhos e importunos se póde chamar a muitos dos insectos e vermes que esses animaes exterminam e que são o flagello da agricultura.

Enumeremos alguns d'elles: As lagartas, que atacam as arvores fructiferas, os legumes, etc., cujas folhas e flôres roem. As borboletas, que, apesar da sua belleza e do brilho das suas iriadas côres, são muito prejudiciaes, pois depositam sobre as plantas milhares de ovos d'onde sahem innumeras larvas. As alticas, animaesinhos azues, que roem as folhas dos legumes e das arvores fructiferas e que se vêem em grandes bandos. O ralo, que é um dos mais prejudiciaes ás culturas, porque levanta as raizes das sementeiras e corta outras não só para seu sustento como para cavar as galerias. E o pulgão, que muito prejudica as arvores fructiferas, fazendo abortar os gomos, e sendo o progenitor de nove gerações em cada anno. Como estes, muitos outros insectos e vermes devastam as sementeiras e os fructos. Por isso, a alguns animaes chamados damninhos é que se deve a extincção de parte dos flagellos da agricultura.

O aquario. — Quer considerado como ornamentação, quer como motivo de divertimento ou de estudo, o aquario é sempre agradavel, estando hoje o seu uzo muito introduzido nas habitações particulares.

Acham-se á venda bonitos aquarios, mas quem com pouca despeza quizer obter um, basta servir-se das redomas de vidro usadas para os peixes vermelhos, ou outro qualquer vaso bojudo e de bocal. De todos os aquarios, porém, o mais simples e barato é a campanula de estufa usada nos jardins. Colloca-se invertida sobre um pedestal de ferro, ou simplesmente sobre qualquer movel apropriado O fundo do aquario deve ter uma camada de areia do rio, bem lavada, devendo estar cheio até dous terços de agua pura e limpa do rio ou da fonte, mas nunca de poço. Tambem se pódem pôr no fundo algumas conchas e madréporas, para embellezar o aquario. Se se collocarem no aquario só peixes e animaes aquaticos, será preciso, para se conservarem, mudar frequentes vezes a agua, pois d'aquelle modo a agua corrompe-se depressa; mas, se fizermos vegetar alli algumas plantas aquaticas, estas purificarão a agua, em vez de a corromperem. Entre os habitantes de um aquario, ha os que precisam de respirar o ar atmospherico, como são, por exemplo, os tritões, as rãs e insectos de agua. Para esses, pois, convém elevar no meio uma especie de ilhasinha, onde possam trepar e descançar. A ilha póde ser formada de uma pedra borneira, ou arranjada artificialmente com pedaços de pedra pomes, reunidos e cobertos de cimento romano, que tem a propriedade de endurecer na agua. Não se collocará no aquario esta especie de rochasinha artificial, sem primeiro se ter tido em agua, frequentemente mudada, durante quinze dias.

Para se povoar um aquario é necessario que os animaes sejam em numera e proporções do vaso. E' ecessario, pelo menos, tres litros de agua para um peixe ordinario. E' preciso tambem ter cuidado em não juntar no aquario os peixes que se guerreiam continuamente, nem as especies vorazes, taes como o lucio, a enguia e a pertiga. A luz e o ar são indispensaveis aos peixes; quanto ao calor, não deve ser superior a 15 ou 16 graus, nem inferior a 5. Não devem, pois, ser expostos ao sol nem a grandes frios.

As plantas mais proprias para viverem no aquario são: a *lemna*, ou lentilha de agua, o volante de agua (*myriophilum*), o *chara*, ou lustre de agua, plantas que podem viver n'ella sem enraizar no sólo; o *callitric* ou callitriche do outomno, o *anacharis*, o *pydrocharis*, os *potamogetons*, ou espigas de agua, e as naiades, que lançam raizes dos nós da haste e vivem muito tempo sem raizar. Finalmente, podem conservar-se na agua, por mais ou menos tempo, os rainunculos de agua, o *rossolis* ou *roella*, as *nynphoe*, ou *galfão branco* ou *nenuphaces*, tão abundantes na ria de Aveiro, o trijolio fibrino (*menyanthus*), etc. Devem, porém, substituir-se quando velhas ou quando lhes amarelleçam as folhas. Entre as especies animaes que se dão no aquario e que se pódem conservar com alguns cuidados, contam-se os peixes: o *cyprino* dourado ou peixe vermelho, a *carpa* e a *tenca*, que se domesticam a ponto de virem comer á mão, o *mugem* e a *boga*. O *moleiro*, o *sargo* e os *mugens* são menos fortes e difficeis de conservar. Entre os reptis aquaticos, temos as diversas especies de *tritões*; entre os insectos, os *hydrophilos*, entre os molluscos, os *planorbos* e os *lymnados*, que prestarão bons serviços, comendo os residuos que turvem a agua. Um dos mais divertidos entretimentos é a comida dos animaes no aquario. Na sua alimentação não deve entrar o miolo de pão, bôlos e massas similhantes, que se costumam dar aos peixes vermelhos, não porque façam mal como alimento, mas porque entram em fermentação os bocados que não são digeridos e dão um sabor acido á agua, turvando a sua transparencia. Este alimento só póde servir para os peixes das rodomas, cuja agua se muda todos os dias. O melhor alimento é a carne cosida ou crua, que se corta em estrias finas, que vão logo ao fundo sem toldar a agua e se pódem tirar com uma pinça. Os bichinhos do lodo, as moscas, as aranhas, e em geral os insectos molles são o melhor manjar dos peixes. E' sufficiente dar-lhes duas ou tres comidas por semana, porque os residuos vegetaes e os animalculos que sempre estão devorando, completam o seu alimento.

Documento importante

A camara municipal d'Elvas dirigiu a El-Rei a representação que segue:

SENHOR! — A camara municipal da muito nobre e sempre leal cidade d'Elvas — cidade que se orgulha de ostentar no seu brazão a effigie do glorioso monarcha Dom Sancho II — sabendo que as differentes municipalidades do reino estão dirigindo a Vossa Magestade representações, em que manifestam o seu profundissimo desagrado contra as idéas proclamadas n'uma reunião, ultimamente realisada em Badajoz, entre republicanos portuguezes e hespanhoes, — idéas altamente reprehensiveis e deprimentes da dignidade e do brio da nação portugueza — vem, por sua vez, e em nome dos municipes que representa, protestar ante Vossa Magestade contra as intenções desvairadas que n'essa reunião se explanaram, — lastimando a mesma camara, e profundamente, que no ultimo quartel do seculo XIX possa ainda, e com verdade, ser applicado aquelle tristissimo conceito do nosso grande epico:

> «tambem dos portuguezes
> Alguns traidores houve algumas vezes»

Senhor! As qaalidades que differenciam a nacionalidade portuguez e a hespanhola são de tal quilate, que só espiritos obcecados podem pensar na possibilidade da união duradoira dos dois paizes. As diversidades ethnicas das duas nações são de tal ordem, que as theorias politicas do iberismo nunca poderão ter uma solução pratica. A nacionalidade portugueza tem fortes rasões de existencia, — é um producto consciente da historia, e contra o qual não podem valer sentimentos de ambição, de anarchia ou de odio. Se a Hespanha só poude conseguir a sua unificação politica no fim do seculo XV, Portugal já tinha constituido em principios do seculo XII a sua unificação nacional, que se tem conservado inabalavel até hoje, e que inabalavel se ha de conservar no decorrer dos seculos. Em face, pois, da historia, para nada valem as idéas subversivas proclamadas na reunião de Badajoz; — mas valem essas idéas como symptoma de abastardamento patriotico por parte dos portuguezes que a essa reunião concorreram; valem como symptoma de desejos baixos de dependencia, — e é contra isto que todas as povoações do reino estão protestando com a dignidade que lhes é propria, com a dignidade com que o verdadeiro portuguez se apresenta sempre ante o hespanhol, a quem trata com affabilidade, mas a quem nada pede por orgulho!

Senhor! Esta cidade, que todos os annos solemnemente commemora a gloriosa batalha denominada das *Linhas d'Elvas* — feito guerreiro que firmou de vez a indepencia da nação portugueza — lamenta profundamente que se tivessem, e quasi ás suas portas! congregado alguns portuguezes e hespanhoes para o effeito de tramarem contra a integridade do territorio portuguez, contra a independencia nacional, que tanto sangue custou, que a preço de tantos sacrificios, de tantas vidas, foi conquistada!

Que Vossa Magestade Fidelissima, com sua costumada benevolencia, se digne aceitar o protesto sincero, extremamente sentido, d'esta camara contra tão lamentavel acontecimento, — protesto apresentado em nome da cidade essencialmente monarchica, que se ufana de, pelos seus feitos heroicos, haver recebido dos Augustos Predecessores de Vossa Magestade o illustre titulo de *muito nobre e sempre leal*.

Haja Deus por bem guardar a pessoa e afortunar o reinado de Vossa Magestade por dilatados annos, como havemos mister.

Elvas, em sessão de 8 de agosto de 1893.

O Vice-Presidente da Camara servindo de Presidente, — *Francisco da Silva Lobão Rasquilha*.

Os Vereadores, — *Antonio Garcia d'Andrade, Januario da Silva Ferreira, Manuel Joaquim d'Abreu, Manuel dos Santos Lopes, Luiz Fortunato de Assumpção Nunes, Antonio Affonso de Carvalho.*

CARTA DE COIMBRA

12 DE AGOSTO DE 1893.

Triumphou a justiça e a moralidade. Até que finalmente foi o nosso querido Firmino de Vilhena reintegrado, se assim se póde dizer, no emprego de secretario da camara, de que tão vilmente o queriam espoliar!

Graças a Deus que ainda ha justiça em Portugal, cousa que parece não tem andado muito bem ainda n'essa poetica cidade dos ovos moles e do mexilhão. Será dos miasmas deleterios d'essa ria? Será a influencia das tricanas, mas as bellas tricanas do Ai jesus, do Manel Ceguinho, da Canna Verde, morrerem como morreu a grande influencia dos enormes ramalhetes de cravos que ellas, formosas, pediam á rapaziada com uma insistencia como pobre pedinte? Será tambem da falta d'uma draga que é bem precisa ahi para diversas limpezas?

Seja o que for, isso ahi cheira muito mal, é o que por aqui dizem desde que ahi esteve um governador civil com fumos de tyranno e arreganho de Caligula.

Ora, pois. Lá está o nosso sympathico Firmino no seu emprego que desempenhou e ha de desempenhar com aquella dignidade que lhe é propria, e que Deus o livre d'esses animalejos invejosos que são peores que o *phyloxera* e o *mildiu*. Credo! que nomes tão arrevesados! E a respeito de taes molestias, isto, por este districto vae mal. As videiras pouco produziram, e as que tinham alguma cousa, o tal *mildiu* deu cabo d'ellas. Não nos bastava a praga dos republicanos de Badajoz, que ficaram de cara a uma banda, se não estes dois terriveis inimigos do bello sumo da uva. Os piteireiros é que não hão de estar contentes. O preço do vinho vae augmentando, e com elle todos os generos. O azeite tambem já subiu 20 reis em litro. O que será do nosso paiz? Ora, não ha de ser nada, visto que vamos ter manobras militares que hão de assombrar as *europias inteiras*, e até hão de desbancar as de Postdam, onde o imperador da Russia fica muito áquem do nosso actual ministro da guerra. Segundo me contou hontem o 33 da 4.ª ou da 5.ª, sei já que vão 20 officiaes commandar 3 soldados, e para isto ha dinheiro, e não ha para obras publicas, consentindo-se que se dê uma ração monastica aos infelizes que não tem trabalho. Aquillo n'uma capital, ou é uma exploração politica, ou é uma verdadeira calamidade.

Consta aqui que o mesmo ministro da guerra vae tirar o regimento de cavallaria 10 d'essa cidade. Era o que faltava. Depois de ahi se terem gasto tantos contos de reis n'um quartel que é uma belleza, ficar aos ratos? Aveiro que se levante em pezo contra semelhante disparate governamental.

E a respeito de economias, temo-as ahi a dar com um páo. Estão tão baratas que já fazem concorrencia os celebres phosphoros de páo de anti-sello memoria. As economias veem-se ahi no ministerio da guerra.

Bravo! Os pobres trabalhadores morrem á fome, mas vamos ter manobras, e então com um exercito como o nosso! Isto tudo está a pedir o doutor Craveiro. D'aqui a Rilhafolles não dista um passo. Estamos quasi no fim de S. Bartholomeu. Do que houver darei parte.

— Até breve. *José.*

SECÇÃO AGRICOLA

SITUAÇÃO VITICOLA E VINICOLA

Começou a novidade bem nascida e bem presagiada, mas presentemente não se póde contar com mais de metade da colheita passada, que foi pequena. A floração não se fez em boas condições, mas deve-se, principalmente, ao *mildiú* a grande destruição da nova nascença. A intensidade do ataque é geral; em todas as regiões se nota a força da invasão, que destruiu metade, pelo menos, da colheita, e ha de prejudicar muito a qualidade do vinho pela falta de folha em estado regular, que se nota em todos os vinhedos, e especialmente nas vinhas do Minho, onde a doença atacou ultimamente com grande vigor folhas e fructo. Causam triste impressão as latadas que cercam as propriedades minhotas e que os lavradores difficilmente poderam tratar, por falta de pulverisadores apropriados a este genero de cultura.

As agulhetas telescopicas, inventadas por M. Vermorel para os seus pulverisadores *Eclair*, e cujo cumprimento varia desde 1,50 até 4 metros, devem prestar valiosos serviços no tratamento das vinhas altas, pois com os pulverisadores vulgares, parece-nos que difficilmente se poderão salvar as colheitas. Nota-se, no entanto, que todos os que trataram colheram resultado; os que fizeram applicações preventivas salvaram a uva nascida, e os que trataram mais tarde suspenderam os progressos do mal e evitaram a queda e alteração da folha cujo effeito ha de prejudicar a qualidade do vinho.

O *mildiu* tem atacado as vinhas do do nosso paiz n'alguns annos anteriores, mas não se pensava que fizesse estragos tão violentos, como aquelles com que actualmente se lucta. Ninguem estava preparado com o salfacto de cobre e com os polvarisadores indispensaveis, para um tratamento rapido e regular, mas, de fucturo estamos certos de que esta praga ha-de encontrar a lucta preparada para receber com a necessaria energia. Este anno fazem-se muitas observações proveitosas, fixam-se as épocas dos tratamentos, sabem-se quaes as castas que se mostram resistentes e até as que foram indemnes á doença e, emfim, operam-se, quanto possivel, as condições favoraveis para uma lucta proveitosa. A lição não é facil, custa cara e desanimou muitos lavradores, mas para grandes males, e este é enorme grandes remedios, e o sulfato de cobre é, por certo, um remedio totalmente efficaz.

Alguns applicaram o *caldo bordelez*, e declaram não ter colhido effeitos promptos e energicos; diz-se que se tem feito 6 e 7 pulverisações, seguidas, sem ter evitado a perda da uva; e nós diremos, sem nada mais querer saber, que é devido a não se ter preparado o *caldo* segundo as regras praticas prescriptas, ou a ter-se applicado mal, isto é, sem ser preventivamente; pois a applicação preventiva do *caldo bordelez* é remedio verdadeiramente efficaz para o *mildiú*. Todos devem tomar nota precisa das condições em que o empregaram este anno, com bom exito, para se guiarem nos annos seguintes e continuarem a colher exito egual; o melhor remedio inutilisa-se, se é mal preparado ou mal applicado, e é isso, com certeza, o que succedeu a quem o applicou sem obter resultado vantajoso. O que dizemos do *caldo bordelez* e d'outros remedios liquidos, não dizemos dos enxofres cupricos, precipitados, e outras formulas de pós anti-peronosporicos. Esses pós podem salvar a novidade e a folha em annos de ataque, menos intenso, mas n'um anno como o que atravessamos, em que as condições meteorologicas muito favoreceram a intensidade das cryptogamicas, o unico remedio de resultados promptos e serios é a dissolução do sulfato de cobre.

Os pós devem agora ser empregados, no cacho, para o livrar de apodrecer, por qualquer ataque. Como combate contra o *oridium* e *mildiu*, os pós têem economica e muiio fructuosa applicação, tanto mais que não é muito facil envolver os cachos com as pulverisações liquidas, ao passo que a applicação dos pós executa-se facilmente com os apparelhos aperfeiçoados actualmente em uso.

A phylloxera continua a sua devastação, e mau foi para a reconstituição com as cepas americanas, a invasão desusada do *mildiu*, que fez desanimar muito os lavradores, dispondo-os contra a postura de mais vinha. Lembremo-nos porém, que para o *mildiu* ha remedio que não é muito caro, e o ataque d'este anno é um facto completamente extraordinario, filho das exigencias atmosphericas. Portanto não desanimem os lavradores e preparem terras no verão para as bacelladas do inverno e da primavera proxima.

*

O commercio de vinhos animou-se um pouco, em resultado da penosa situação dos vinhedos. Os preços subiram e antevêem-se elevações consideraveis para as vindimas, que serão muito adiantadas, attendendo á precocidade da maturação que caminha extraordinariamente.

Vendem-se vinhos de pasto a 40 mil réis, nas sub-regiões do Douro, e offerece-se 1$500 e 1$700 réis o almude, nas regiões do sul. Ao menos que os preços compensem a diminuição da colheita. Os commerciantes tentam desacreditar os vinhos provenientes de cepas tratadas com sulfato de cobre, mas não ha o menor motivo para baratear o producto por esta causa, como se verá mais adiante n'um artigo que publicamos.

Em França as vendas diminuiram de intensidade. Não se annunciam compras de importancia. A novidade pendente espera-se quantiosa. A qualidade depende do tempo que fizer d'aqui em diante.

F. d'Almeida e Brito.

SECÇÃO LITTERARIA

O VINHO

I

Quando o velho Noé, confiando a intensa barba branca, veiu até á alma do meu segredo matar as fundas magoas do seu coração alanceado, eu era ainda a imagem fugida d'um idolo desconhecido, vivendo tristemente na nuvem azul d'uma obscura lenda. Para não forçar a biblica ignorancia dos prophetas, a minha existencia passava-se singelamente na grande harmonia primitiva das coisas, presa dos verdes ramos da parra selvagem nos virgens outeiros ricos de gigante vegetação. Desconhecendo as minhas proprias virtudes, eu via os prophetas passarem por mim indifferentes, e não lhes sorri pelo brilho retinto da minha uva embriagadora melancholia da calma natureza, parece que eu dormia embalado nos suavissimos cantares que elles arremessavam ao segredo da minha poisada obscura, como uma esmola de graça... E foi por isso que, decorridos annos, sobre annos, eu era ainda a fugidia imagem d'um idolo desconhecido, quando o velho Noé, cofiando a intensa barba branca, veio até a alma do meu segredo matar as fundas magoas do seu coração alanceado.

II

De repente, sobre as phreneticas acclamações do triumpho, eis-me na opulenta meza dos venerandos prophetas e juizes que me ergueram á cupula ingente dos thronos mais gloriosos! Em torno da minh'alma, uma longa musica de canções frementes se desenrolou — viva, soberba, delirante. Fugi do silencio dos outeiros e entrei, ao sonido estrdiente das turbas, nos vastos templos, adormecido perfidamente nas aureas taças dos sacrificios. Frontes de velhos e de donzellas curvaram-se reverenciosamente á minha passagem, entoando hymnos de gratidão e de victoria. Sorrir-lhes estontea dor na effervescencia cálida da minha espuma de topazio; cantei com elles no delirio das grandes solemnidades; e, n'um opulento festim, que a Biblia aponta, juntei as minhas lagrimas de oiro ás lagrimas dos convivas quando o dedo fatidico dos destinos veio escrever na parede a estranha legenda de Balthazar! Sorri, cantei, dansei, e tudo eram vivas acclamações de triumpho em torno de mim, quando da obscuridade dos outeiros eu cheguei até á opulenta meza dos prophetas venerandos que me levantaram á cúpula ingente dos thronos mais gloriosos!

III

De conquista em conquista, embalei-me nos versos apaixonados dos poetas da velha Roma pagã, e alcancei um dia as honras de ser divinisado na corôa de Baccho que escarranchou as gordas pernas entre viridentes festões de plantas sobre o bôjo d'um tonel fabuloso. Uma alvar gargalhada bohemia, que me saia continuamente dos labios, fez rir as multidões que se embriagavam ao meu olhar estroina e ao meu cantar ardente. Entrei no coração das matronas formosas, de braço dado ás odes estonteadoras do velho Horacio. Os labios quentes das patricias do morto imperio deram-me a honra dos seu beijos no estonteamento dos seus saloes nobres. Festejei victorias gloriosas, subi ao mais sublime do Capitolio, penetrei nos dissolutos festins dos ephebos, e por fim, sob a tempestade dos barbaros, assisti ao derrocar tremendo d'esse collosso da Historia. Como recordação ainda d'essas sumptuosas festas de amor e de carne, eis-me rindo perpetuamente nas odes do velho poeta, com as gordas pernas escarranchadas entre viridentes festões de plantas sobre o bôjo d'um tonel fabuloso!...

IV

Mais tarde sempre no delirio dos grandes enthusiasmos sinceros, os cavalheiros amantes da Edade-media levaram-me no arrebatamento das saudações triumphaes aos pés desejados das seductoras damas do castello feudal. E os frescos labios d'estas ideaes mulheres aqueceram-se ao vivo calor da minha alma embriagadora; e, depois de me tocarem, tiveram sorrisos amantes para esses desgrenhados cavalleiros do amor, rotos e apaixonados... Feria-se a guerra em disputa das formosas castellãs, e a minha alma passava providencial nos campos do torneio, promettendo victorias, incitando a coragem, revigorando a energia dos combatente quebrantados ás vezes no desalento e na desesperança. Como uma aureola de fé, a minha espuma fumegante espargia-se sobre as suas frontes guerreiras; e então a energia era de aço para sustentar homericamente a lucta mais desegual. A Deusa da victoria, estonteada pelo proprio calor que da minha alma se desprendia, vinha adormecer-se no berço das minhas taças doiradas, e um longo hymno se cantava então á coragem do vencedor. Rendia-se o inimigo no calor da lucta, e, sempre em triumpho, os cavalleiros amantes levavam-me no arrebatamento das grandes saudações aos pés das seductoras damas do castello feudal.

V

De decadencia em decadencia, eis-me hoje no frio armazem do taverneiro do seculo, com a minh'alma algemada tristemente na estreiteza d'uma pipa d'onde pende pobremente um verde ramo de loureiro... A minha grande alma desesperada e ardente respira apenas pelo mesquinho batoque do bojo d'esta pipa estreita — aguia da luz presa na gaiola da treva! E se acaso, ás vezes, remoçando aos tempos heroicos, eu me evado do meu carcere obscuro e vou poisar no cerebro de qualquer bohemio d'esta cidade, a policia vem, austera e bestial, retorcendo a bigodeira implacavel, e leva-me sob custodia ás prisões do aljube onde me fazem dormir n'uma podre enxerga de vadio ... Está reduzido a estes martyrios o velho bohemio que assistiu glorioso aos festins dos reis e ás bodas opulentas das castellãs! O' almas boas e carinhosas de outros tempos, vinde trazer a esmola do vosso beijo callido ao frio armazem do taverneiro do seculo onde está minh'alma aljemada tristemente na estreiteza d'uma pipa d'onde pende pobremente um verde ramo de loureiro...

Adolpho Portella.

BIBLIOGRAPHIA

Horario dos Caminhos de Ferro. — Recebemos o n.º 6 do *Horario dos Caminhos de Ferro e Guia Auxiliar* para as *Viagens de Excursão* publicado pela importante casa editora, Guillard, Ail

---

ousado fazer em tempos que não tem sido accusados de influencia demasiada da Guarda; leis que não dependiam da Sancção Real, foram constantemente submettidas á approvação da corôa, segurança individual, liberdade de pensar, de escrever, e de fallar nunca houve tanta para todos os partidos em Lisboa, como n'esta época; a capital apresentava depois de debellada a revolta de julho o quadro mais lisongeiro de paz, de ordem, de segurança publica, e individual. Se as finanças não tivessem sido arruinadas pelo partido da Carta, se as consequencias d'essa época não tolhessem ainda hoje o pagamento aos empregados, o periodo depois de julho a março, teria sido para Lisboa uma época feliz. Reparem bem os amigos sinceros da liberdade legal que aonde acontecia isto era nessa terra aleivosamente accusada da influencia dos clubs do terror do Arsenal, e da influencia da Guarda. Muitos estrangeiros prevenidos pelas calumnias dos inimigos da Revolução de Setembro chegavam ao nosso paiz, observavam a Capital nos dias de grande concorrencia, não viam senão ordem, iam ao Palacio, não viam senão respeito, e veneração; e então disiam que é da anarchia, do terror, e da desordem com que tanto nos tinham atordido? nós não temos visto senão ordem, segurança, liberdade legal, dignidade Nacional. Mas isto não podia agradar aos inimigos da Revolução de Setembro. Assim mesmo tal era o espirito de tolerancia, e de moderação, dos partidistas de setembro que os seus adversarios á força de estarem livres, e seguros, tinham resolvido reganhar a sua influencia no campo legal, e como já dissemos appellavam para a urna eleitoral. Nas provincias porém onde não se dizia que chegasse a influencia dos clubs, onde não havia o decantado terror do arsenal, onde não havia essa tão estegmatisada da Guarda, corriam as cousas de differente maneira. Assassinios, roubos, falta de segurança publica, e individual faziam um triste contraste com o estado da Capital. Alguns chefes de ladrões assumindo um titulo politico assollam impunemente as provincias; assaltavam as cazas dos cidadãos com tanta publicidade, e sangue frio como se fossem castellos de inimigos, e em opposição do que se passava na Capital não havia ge-

---

ralmente ordem, nem segurança, nem liberdade. As authoridades sem força não podiam fazer o seu dever, os juizes sem apoio não executavam a lei, e a anarchia debaixo de todas as fórmas mais medonhas reproduzia-se por mil maneiras em as nossas ensanguentadas provincias. E' n'este estado de cousas fiel, e verdadeiro que o governo desguarnece as provincias inteiramente para concentrar as tropas na Capital, que descobre todo o paiz indefeso para cobrir a Capital, que antes disso ostentava ordem, força, e liberdade; lá ficam cem legoas de raia á disposição de um Montijo, ou de outro ignobil aventureiro Carlista que as quizesse penetrar; lá ficam os certões do Alem-Tejo para devassarem os grupos rebeldes do Baiôa; a serra do Algarve conquista do Remechido, o Quingostas fazendo tratados, e geralmente o paiz abandonado a todos os horrores da guerra, e da anarchia porque conforme a politica Julio Bomfim primeiro que tudo estava guardar a Capital que poderia ser devorada pelos monstros do Occeano, bloqueada pelos corsarios de Argel, tragada pelo arsenal, ou engolida pelo gigante guarda Nacional, que no sentido d'aquelles srs. era inimiga das liberdades publicas. O certo é, facto que não argumento, que o diminuto exercito portuguez defraudado já pelas enormes perdas em Espanha, profundamente cercado pela revolta de Julho, foi da sua maior parte concentrado em Lisboa onde havia que destruir uma cousa que para alguem é peior que Carlistas, Remechidos, Baiôas, e Quingostas, e nós disemos já qual é, são os grandes principios da Constituição de 1822, é uma segunda camara electiva e temporaria, e outros que taes. O grande crime, o crime imperdoavel, o crime sem obsolvição em que incorreu a guarda, não foi insubordinação, foi o horrendo crime politico de se haver mostrado posto que sempre legalmente apaixonada dos grandes principios da Constituição de 1822, que por desgraça nossa já nos foi usurpada duas vezes. Que são os crimes amnistiados em Evora-Monte, e em Ruivães, na opinião de certa gente, como o tremendo desejo de um sistema politico sem camara de pergaminhos, sem véto, sem sancção, e sem o jus de mandar pela porta fórta os eleitos do povo? cousa nenhuma. Estes prin-

---

rações menos á da sua conservação no poder. Ora assim não é que se governa nos paizes livres, os governos sustentam-se pela opinião publica e não pelas baionetas, não pelo principio esteril de que são governos. Por mais que se diga, por mais que se trabalhe, por mais que se intrigue esse tempo passou. Quando um ministerio conspira nos paizes livres, quando se torna surdo á opinião publica, quando contrasta a politica do Parlamento infallivelmente hade ter lugar um de dois resultados, ou o uso do direito demissorio exercido pela corôa, ou o uso do direito de resistencia legal exercido pelo povo. Desgraçado do principe cuja politica hoje em dia na Europa consestir em impôr ministerios á opinião nacional apoiado simplesmente na esterilidade de um direito a nação póde sempre cessar quando quizer por ser ella quem o delega no principe. Todos os dias na Europa moderna se repetem os exemplos d'esta grande verdade, mas sempre inutilmente para a politica futura; succedem-se as revoluções umas ás outras, inculpam-se sempre os principios democraticos, quando a maior parte das vezes os principios contrarios são os que produzem as commuções sociaes. Existem os meios parlamentares, só a camara dos deputados é o orgão legal da opinião publica contra os ministerios, dizem sempre em casos semelhantes os falsos amigos da ordem, porém nós diremos, que havia parlamentos em França em 1830 e que apesar d'isso ninguem nega hoje que foi necessaria a Revolução de Julho; tambem tinhamos côrtes em 1828 e apesar d'isso a falta de resistencia legal da parte do povo perdeu o paiz n'essa epoca.

Não queremos com isto promover o exercito d'este tremendo direito do povo, não queremos instingar, o nosso fim é o contrario, queremos combater, queremos revelar, queremos estigmatisar a causa das revoluções, para que deixe de as haver partindo do principio de que não ha effeitos sem causas. Collocados no ponto mais alto da historia, com os catalogos de innumeraveis factos na mão, bradamos bem alto aos homens do poder em todos os paizes, que não ha senão um meio de evitar as revoluções que é não dar causa a ellas. Forças, fogueiras, baionetas, e canhões, tudo cahe espavorido ao ru-

---

dança, se tem bom par porta se bem, se um malvado se apodéra da sua cabeça commette com elle crimes e inepcias cuidando que faz grandes feitos. Marchar em novembro para a ponte de Alcantara, e assoberbar da alli a corôa para ser ministro, e metralhar em março a guarda nacional no Rocio, tambem para ser ministro, são cousas iguaes para este estadista; porque são iguaes a uma terceira, parecem-lhe igualmente cousas muito meritorias, e diz muito fresco no parlamento *que sim*. Além disso ingrato para os seus melhores amigos, frenetico quando se lhe contesta a sua qualidade de ministro vitalicio, incapaz pelo seu estado fisico de reflexão aturada, é abusolutamente improprio para sustentar uma pasta, e muito mais para presidir a um gabinete em circunstancias difficeis. Quando chegou a Lisboa depois da campanha de julho deixou-se dominar pelo partido dos vitalicios, quiz retrogradar, assoberbou o Congresso com a influencia da sua espada, conseguinde esse partido por meio d'este instrumento que ficasse pendente, e para reconsiderar o artigo da organisação da segunda camara. Até aos acontecimentos de março tinha sempre guardado uma qualidade boa, propendia por instincto para as opiniões populares, e não se decedia a carregar o povo com a sua espada, ainda quando contrariava a sua ambição; essa mesma qualidade perdeu depois de uma conferencia nocturna com o sr. Julio que o fez representar como um boneco nos vergonhosos, e tragicos acontecimentos dos dias 9 e 13; chegou áquelle ponto sem o saber, foi com elles na torrente até onde ainda hoje ignora, e diz agora para ser ministro que ainda hade sustentar a Revolução de Setembro, e a constituição feita pelas côrtes. Felizmente os erros politicos d'este homem já estão irremesivelmente castigados pelas consequencias infalliveis dos seus actos, nenhum poder humano pode salvallo já é a primeira victima condemnada á obscuridade, ao desprezo eterno, á completa nullidade politica, pelo partido reflexivo da carta. Sem amigos, sem recursos parlamentares, perdido n'um vergonhoso caminho de actos despoticos, está bannido eternamente da scena politica. O sr. João de Oliveira tinha todas as qualidades de um calaud & C.ª. N'este Horario, que vae passar a ter publicação mensal, encontramos melhoramentos publicos sobre as publicações congeneres, e que os nossos leitores saberão apreciar. Um d'estes melhoramentos é indicar á primeira vista quaes são os comboios de noite e dia, pois o traço ao lado esquerdo das horas é grosso para os comboyos que marcham das 6 horas da tarde ás 6 da manhã; os que marcham das 6 horas da manhã até ás 6 da tarde tem pelo contrario um traço fino. E' claro como o dia e a noite, simples e pratico. Parabens aos editores. Mas o principal aperfeiçoamento é o *Indice Alphabetico das Estações*. Nem todos os viajantes sabem a geographia, nem os que a sabem conhecem todas as estações do nosso paiz. Com este indice encontra-se a estação onde se deseja ir sem a menor difficuldade, graças á ordem alphabetica, á indicação da pagina e do quadro onde vem marcada. Tambem se differençam com facilidade as localidades que tem estação das que só são servidas por deligencias em correspondencia com os comboyos. Além de tudo isto, é impresso em bom papel o que o torna muito lisivel e custa apenas 50 réis. Com certeza que vae ser o *Horario de Caminhos de Ferro* predilecto de todos os viajantes. Aconselhamos muito ao commercio que aproveite esta publicação como meio de propaganda para seus annuncios.

Cura da raiva.—Recebemos um opusculo que tem por titulo *Cura da raiva pelo remedio preparado pela familia Souza, de Santo Thyrso*, um apreciavel livrinho que se lê com interesse. N'este opusculo, tendente a demonstrar as virtudes do remedio contra a raiva, estão reunidos grande numero de documentos, officiaes e particulares, em que se dá conta das optimas curas realisadas pelo referido remedio. Entre todos estes documentos, contam-se egualmente valiosos attestados medicos. Recommendamos a todos a sua leitura, que é deveras apreciavel e util.

CRÊME SIMON
A LA GLYCERINE
J. SIMON

PARA PROTEGER A EPIDERME CONTRA as influencias perniciosas da atmosphera, para conservar ou dar ao rosto frescura, mocidade e macieza é indispensavel adoptar para a toilete diaria

O CREME SIMON

preparado com glacerina, e a sua acção efficaz e benefica é tão rapida e tão evidente, que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça immediatamente as suas grandes virtudes. J. SIMON, 13, rua Grange-Batelierè, Paris.

ANNUNCIOS

VENDA DE PROPRIEDADES

VENDEM-SE as propriedades e fóros da fallecida D. Mathilde Maria Telles d'Aragão, d'Aldeia Nova, sitas no concelho d'Aveiro, que são: uma marinha; a Quinta Nova; pinhaes—os ilhotes de Lamamá, Perícos e Rezenda; duas terras lavradias e dois foros; e na freguezia d'Angeja, um pequeno cerrado. Quem as pretender pode dirigir-se, em Aveiro, ao padre Manuel Rodrigues Branco, e por carta, a José d'Aragão Costa Lacerda, em Aldeia Nova, pelo Fundão.

BORRAS E SARRO DE VINHO

COMPRAM-SE grandes porções e ninguem paga melhor preço do que A. J. Rosa, rua dos Remolares, 8,—LISBOA.

SAL

José Antonio Pereira da Cruz fornece sal fino das suas salinas, sitas na ria de Aveiro; a 13$000 réis cada wagon de 10:000 kilogrammas, posto na estação do caminho de ferro d'esta cidade, pago á vista. Tambem vende na eira da marinha a 16$000 cada barco.

Rua de José Estevam n.º 87,—Aveiro.

VENDE-SE

UM carro de 4 rodas, com tolde de verniz da Russia, com 4 logares dentro e dois fóra, com 2 cadeiras, uma atraz e outra adiante, construido ha pouco tempo na casa Latourette, do Porto. Quem o pretender póde dirigir-se a Antonio José de Freitas Guimarães, de Pardelhas, concelho de Estarreja.

PRAIA DO PHAROL D'AVEIRO

Manuel Maria Amador, d'Alquerubim, aluga as casas que tinha n'aquella praia, e que hoje são de seu genro o sr. David José de Pinho, do Porto, as quaes teem mobilias completas, louças de cosinha e meza, fogões, dois poços, tanque para lavar roupa, grande quintal e cavalhariças.

GRANDE HOTEL SERRA
EM LUZO

ESTE antigo hotel melhora successivamente de condições. A's grandes commodidades que offerecem os seus largos aposentos, accresce o aceio da sua mobilia e da sua rouparia. Tem abundantes quartos e sallas de receber, creados fidelissimos para o serviço de homens, e creadas especiaes para o serviço de senhoras. A meza é variada e abundante, o cosinheiro é de primeira ordem—tudo alli é bom e garantido pelo credito de que a todos os respeitos gosa. Ha meza ao ar livre e meza em sallão e em quartos reservados para quem quizer servir-se por este modo. Os preços são os mais commodos e entre 900 e 1$000 reis, conforme o quarto. Tendo-se effectuado grandes melhoramentos no edificio, cada vez as commodidades alli são mais. Tambem se servem jantares e merendas para fóra, tudo á vontade de quem os encommenda.

CREADA DE DENTRO

Precisa-se de uma creada para todo o serviço de dentro, incluindo o tratamento de creanças. Prefere-se a que tiver melhores abonações.

N'esta redacção se diz.

DEPOSITO DE PÓ DE TIJOLLO

BOA QUALIDADE

Antonio Ferreira Felix Junior, vende-o a 2$500 réis a caixa de 100 tijolos. Cumprem-se pedidos para o paiz e estrangeiro.

Rua Direita, n.os 43 e 47.—AVEIRO

CAIXEIRO

HA um com pratica de negocio de capella e mercearia, cujo comportamento e probidade se garante. Quem o precizar pode dirigir carta á Administração d'este jornal.

AOS SRS. PHARMACEUTICOS

De todo o paiz, ilhas adjacentes e ultramar que ainda não tenham relações com a

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

roga-se queiram enviar os seus endereços ao escriptorio da companhia

Praça de D. Pedro, 59, 1.º—LISBOA

a fim de receberem *gratis* o 1.º numero do boletim da companhia, publicação cujo conhecimento deve interessar-lhes.

A' ILLUSTRE CLASSE MEDICA

Roga-se aos ex.mos srs. facultativos do paiz, ilhas adjacentes e ultramar que não tenham recebido o *kalendario agenda* da

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

o favor de enviarem os seus endereços ao escriptorio da mesma companhia.

59, Praça de D. Pedro, 1.º—LISBOA

O ADVOGADO

BARBOSA DE MAGALHÃES

mudou o seu escriptorio e a sua residencia para o Largo da Trindade, n.º 17, 1.º—em Lisboa.

CÁL

FORNECE-SE para qualquer parte em grandes e pequenas quantidades. Preços sem competencia. Pedidos a Manuel Q. Valente.

CANTANHEDE — SEPINS.

LIVRARIA ACADEMICA

69—RUA AUREA—69

LISBOA

O proprietario d'esta livraria acaba de receber um variado sortimento de livros com as ultimas novidades litterarias parisienses.

Livros d'estudo, sciencias, artes e lettras. Magnificos livros de missa com ricas encadernações. Estojos para desenho. Assignaturas para todos os jornaes estrangeiros, etc.

Encarrega-se de satisfazer, com a possivel brividade, todas as encommendas que venham acompanhadas da respectiva importancia.

LIVRARIA ACADEMICA
DE
F. CHAGAS
69—RUA AUREA—69
LISBOA

JORNAL DE MODAS
LA MODE NATIONALE

A MODA NACIONAL

Publica-se todos os sabbados um numero com nunca menos de 20 desenhos. E' hoje o jornal preferido pelas elegantes e modistas. Supplementos de moldes cortados em tamanho notavel.

Preço do numero avulso 100 réis. Assignatura por 3 ou 6 mezes 800 e 1$500 réis.

Pedidos a Fontes P. Mello em Aveiro ou directamente á Agencia: 65, Praça d'Alegria, Lisboa. (Centro de assignaturas para todos os jornaes de modas).

Dôr

Com este titulo acaba de ser publicado um interessante livro de sonetos do sr. PAULINO D'OLIVEIRA, que se acha á venda em todas as livrarias, pelo preço de 400 réis.

LIVRARIA EDITORA—F. CHAGAS
69—RUA AUREA—69
LISBOA

ACCACIO ROSA

A NOSSA INDEPENDENCIA E O IBERISMO

Obra illustrada com o retrato do auctor, prefaciada pelo consolheiro,

A. de Serpa Pimentel

e precedida de cartas sobre o assumpto, expressamente escriptas para este livro pelos illustrados pensadores conde de Casal Ribeiro, G. Azcarate, Oliveira Martins, Raphael M. de Labra, Alves Mendes, Fernando Anton e Thomaz Ribeiro.

PREÇO 600 REIS

Vende-se nas principaes livrarias do reino e envia-se pelo correio a quem remetter a respectiva importancia ao editor F. da Silva, 8 a 12, Lisboa.

DICCIONARIO CHOROGRAPHICO

DE PORTUGAL

(PARTE CONTINENTAL E INSULAR)

por *F. A. DE MATTOS*

Designando a população por districtos, concelhos e freguezias; superficie por districtos e concelhos; todas as cidades, villas e outras povoações, ainda as mais insignificantes; a divisão judicial, administrativa, ecclesiastica e militar; as distancias das freguezias ás sedes dos concelhos; e comprehendendo a indicação das estações do caminho de ferro, do serviço postal, telegraphico, telephonico, de emissão de vales do correio, de encommendas postaes, etc.

Assigna-se na travessa de S. Domingos, 39, 2.º—Lisboa.

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS
E
PHARMACEUTICOS

RUA 24 DE JULHO, 382,—LISBOA

A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODÃO hydrophilo, borico, hemostatico, dito ao (frasco de 100 grammas), iodo formado, phenico, salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVÃO vegetal lavado, pó, dito frasco de cap. de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de camphora, chloreto de ferro, copahiba, cupahiba e cubebas, ergotino 0,1—lactato de ferro, sulphato de quinino 0,2—EMULSÃO de oleo de figados de bacalhau com hyposphosphitos.—Grangêa de semen-contra.—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro, arseniato de soda, arseniato de strychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Blaud, Blancard, Wallet, ditas de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bi-carbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de Guarand, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (f. Belloc (caixa), de chocolate com santonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUIBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOUTINE branca ou rosa, caixas modelo Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, barateza e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as requisitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE

FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.º
PHARMACIA , , , 60 a 63

Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100

LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala e, por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás simulares d'origem estrangeira, sendo porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componentes tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores*.

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica*, taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

ESTA casa é a que offerece as melhores vantagens em todas as operações de cambio e loterias. Esta casa é a unica que vende os bilhetes da loteria portugueza a 5$000, meios bilhetes a 2$500 e decimos a 500 réis. Basta addicionar ao pedido o porte do correio e dirigir ao cambista José R. Testa.—LISBOA.

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM

ENXOFRE ESTACIO

Instrucções e attestados gratis—C.ª portugueza HYGIENE—
Praça de D. Pedro, 50, Lisboa

PREGOS D'ARAME

GRANDES DESCONTOS

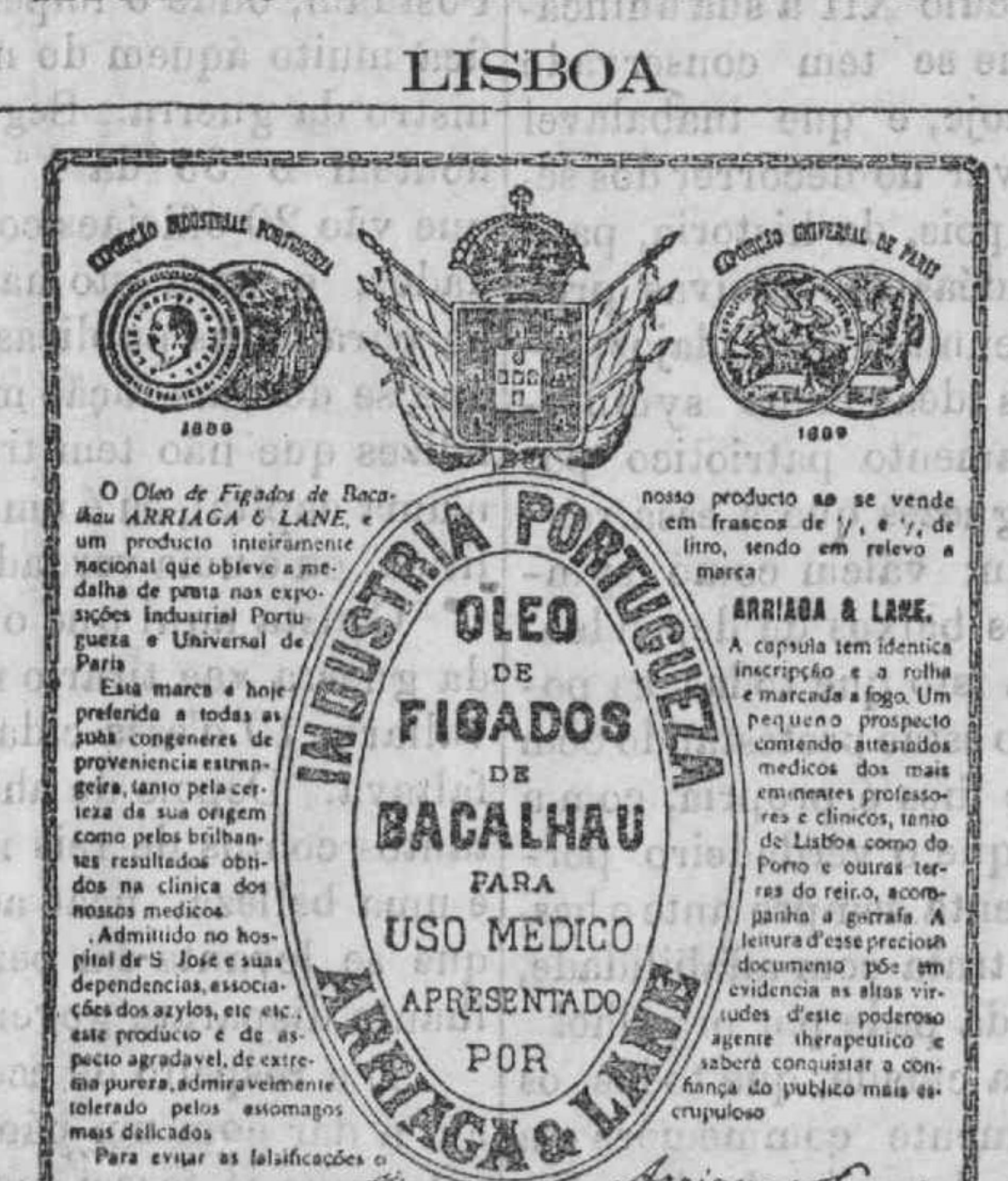
PARA REVENDER

ENVIA-SE TABELLAS A QUEM AS REQUISITAR

COMPANHIA VICTORIA

Rua das Janellas Verdes

LISBOA


EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA
1888
EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS
1889
INDUSTRIA PORTUGUEZA
ÓLEO DE FIGADOS DE BACALHAU PARA USO MEDICO APRESENTADO POR
ARRIAGA & LANE
Arriaga & Lane

O Oleo de Figados de Bacalhau ARRIAGA & LANE, é um producto inteiramente nacional que obteve a medalha de prata nas exposições Industrial Portugueza e Universal de Paris.

Esta marca é hoje preferida a todas as suas congeneres de proveniencia estrangeira, tanto pela certeza de sua origem como pelos brilhantes resultados obtidos na clinica dos nossos medicos.

Admittido no hospital de S. José e suas dependencias, associações dos azylos, etc etc., este producto é de aspecto agradavel, de extrema pureza, admiravelmente tolerado pelos estomagos mais delicados.

Para evitar as falsificações o nosso producto só se vende em frascos de 1/1 e 1/2 de litro, sendo em relevo a marca

ARRIAGA & LANE.

A capsula tem identica inscripção e a rolha é marcada a fogo. Um pequeno prospecto contendo attestados medicos dos mais eminentes professores e clinicos, tanto de Lisboa como do Porto e outras terras do reino, acompanha a garrafa. A leitura d'esse precioso documento põe em evidencia as altas virtudes d'este poderoso agente therapeutico e saberá conquistar a confiança do publico mais escrupuloso

Deposito em Lisboa – Rua dos Bacalhoeiros, 135, 1.º
No Porto – 72, Passos Manuel, 76

UNICO DEPOSITO
DE
FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS
DE
ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87

PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaes e mechanicos**, assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais**, etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista**, fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprietarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

FILTRO CHAMBERLAND

SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

ACADEMIA DAS SCIENCIAS

PREMIO MONTLOION

SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890

UNICA MEDALHA DE OURO

Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo official das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida de *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamento, defluxo, rheumatismo, dôres, etc.*; 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito em todas as pharmacias.—Em Pariz, rua de Seine, 31.

Consultorio Medico-Cirurgico
—DE—
Molestias de Senhoras e Creanças

DAS MEDICAS

Laurinda de Moraes Sarmento e Aurelia de Moraes Sarmento

Consultas das 11 horas da manhã ás 3 da tarde
Chamadas para PARTOS a qualquer hora

579—RUA DO ALMADA—579

PORTO

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

---

zeiro entendido, mas faltavam-lhe todas as circumstancias necessarias a um ministro de finanças, incapaz de conceber, e de redigir por si um projecto de lei sobre as materias da sua profissão, e mesmo de avaliar qualquer plano redigido por outro, embrulha ou apresenta com falsidade no parlamento as cifras da sua repartição, só para evitar uma derrota e ser ministro.

Havia longo tempo que tinha declarado que no mez de fevereiro estariam livres os rendimentos das alfandegas, apesar disso apresentou-as oneradas com muitos centos de contos quando n'esse mez se agitou a questão financeira no congresso; não considerou a cargo da sua repartição senão os credores a quem era obrigado a pagar por força, toda a mais despeza do estado era para elle uma entidade nulla; com quanto tivesse com que pagar ao palacio, aos Estados Unidos, á França, e á tropa que em Lisboa tinha as baionetas levantadas estava contente e feliz; que a viuva, o reformado, o professor, e o juiz gemessem, definhassem, e morressem ex-sangue nas Provincias, era para elle muito indifferente; as difficuldades que podiam provir ao seu ministerio se cuidasse dos meios de acudir ás classes de credores agonisantes eram para elle cousas muito mais sensiveis do que todos os horrores da miseria dessas infelizes classes. Consentiu que nos actos publicos do seu ministerio transluzisse toda a sordidez de um mercador avarento exigindo de um seu collega que mandasse sobreestar n'uma execução que a Fazenda Nacional lhe movia por 45$000 réis de decimas; infelizmente não foi insento das suspeitas de participar de transacções que nascem do descredito e da miseria publica. Por cobardia, servilismo, e falta de amor de Patria preferio sempre na collisão de interesses os estrangeiros aos nacionaes; é porém de justiça confessar que sendo máu ministro de fazenda não tinha parte nenhuma na politica secreta do ministerio; dessa parece por todas as apparencias que fizeram sempre monopolio exclusivo o sr. Julio e o sr. Bomfim não duvidamos de que se fosse commettido concordaria com dois ministros, mas acreditamos que nunca o iniciaram nos grandes mysterios ou porque não careciam de

Quem foi o conspirador n'essa epoca infeliz? foi o throno que dissolveu as côrtes citando a Carta, ou foram os heroes do Porto que se levantaram para lhe resistir; estes foram martyres da liberdade, aquelle não foi senão um rebelde. Quando os governos aspiram ao despotismo nunca dizem que desejam ser despotas, é sempre em nome da liberdade, em nome da ordem, invocando a prosperidade publica, que se opprimem os povos; é sempre com o nome de *rebeldes*, e de *traidores* que são tratados os amigos das instituições liberaes pelos governos que o não são. Nada provam os nomes, os factos fallam mais alto, houve da parte do governo um designio mau, houve por consequencia natural e infallivel uma reacção no espirito publico. Eis-aqui tudo quanto houve no principio dos acontecimentos de março. Convem acaso que um povo confie inteiramente indolente na omnipotencia parlamentar contra os abusos do governo? que resultados teve essa confiança em 1828 a perseguição, os ferros, os cadafalsos, e a emigração. Apesar da provocação do governo, apesar dos indicios de conspiração que da sua parte appareceram, todavia o povo não usou do seu direito de resistencia legal, e limitou-se simplesmente no dia 1.º de março a deliberar ácerca do exercicio do direito de petição. Dentro dos limites da legalidade esteve por tanto circumscripto o procedimento do povo no dia 1.º de março em que a guarda por occasião de uma reunião legal para a revista mensal deliberou ácerca do seu direito de petição. Tão grande porem foi o escrupulo d'aquella respeitavel corporação que não admittiu a proposta de uma mensagem a S. Magestade. Tinha sido dada a demonstração de muitos mil cidadãos respeitaveis por todos os titulos. Fez o mesmo que faria um governo filho legitimo do principio do direito divino; encastellou-se na legitimidade, considerou as demonstrações da opinião publica como acto de rebellião, agarrou-se ás pastas sem nenhuma consideração pelo bem publico, não praticou acto nenhum de patriotismo, de desinteresse, de abnegação que inspirasse alguma virtude civica, não aconselhou a S. Magestade que escutasse o clamor publico, disse nas côrtes que não havia de sahir empurrado, foi surdo a todas as conside-

cipios são os chamados *contagiosos*, e pelos quaes um poder declara guerra de morte a uma nação quando os professa. A historia secreta d'esta politica não a sabemos nós ou não vem para o caso dizella agora, tão pouco entraremos por ora nos manejos, nas intrigas, nas influencias porque foi dictada; acreditamos que ninguem quererá negar a gloria d'ella aos srs. Julio e Bomfim; produzimos um facto publico, e depois d'este outro. Na verdade aquelles ministros nunca se atreveram a defender semelhante facto praticado por elles, e assim quando o sr. Bomfim era ou interpellado, ou particularmente urgido ácerca dos motivos porque concentrava tropas em Lisboa, nem o confessava, nem o defendia, respondia que as tropas vinham para Lisboa para se vestirem, e quando este pretexto já não era bastante dizia que continuavam a estar em Lisboa por serem aqui os seus quarteis. Na verdade retirar um exercito dos pontos que devia occupar para vir buscar as fardas a Lisboa, e mette-lo em quarteis quando era mister que e tivesse em campanha são cousas dignas do principal acto dos acontecimentos de março. A concentração portanto das tropas em Lisboa contra todas as rasões de conveniencia Nacional, sem nenhum motivo plausivel, demonstrou claramente que havia da parte do governo um plano occulto, o sinistro, que não tinha por fim senão sopear as influencias que favoreciam a Revolução de Setembro, e dar alento ás forças oppostas, que debalde tinham tentado destruil-a; houve portanto da parte do governo uma provocação ao espirito publico, uma aggressão contra a Revolução de Setembro, e uma verdadeira conspiração; porque é uma verdade tremenda que é necessario sustentar que nos governos livres não são sómente os povos que conspiram contra a authoridade, tambem muitas vezes, e as mais d'ellas são os governos os que conspiram contra a nação. Quando um governo tende claramente para subverter a constituição do paiz, e o povo se levanta quem é n'esse caso o conspirador é o governo, e não o povo; n'este caso a resistencia é um acto legal, é uma virtude, e um heroismo. Se em 1828 o povo houvéra resistido aos primeiros actos despoticos do tiranno quantas scenas de horror teriam poupado?

elle para isso ou porque não punham n'elle confiança para os ajudar por falta de talento.

O sr. José Alexandre de Campos não fora do contracto com as potencias occultas d'esta época, ministro da corôa sómente nos conselhos, escutando a voz do povo pela opinião publica manifestada nas côrtes, e nunca por impressão secreta esteve redusido a ser ministro de simples expediente que despachava com assiduidade. O seu erro foi a sua demasiada confiança, e boa fé nos seus collegas. A sua politica encerrava-se no principio de que a consolidação da Revolução de Setembro era o meio unico de remediar os males publicos, até mesmo aquelles que a revolução podesse ter occasionado; que qualquer meio de retrogradação havia de vir a ser fatal para aqelles mesmos que tinham soffrido pela revolução, porem este principio não era uma profissão banal, era o caracter dos seus actos officiaes. Havia de resultar porem necessariamente d'aqui que como as potencias occultas faziam tudo n'esta epoca, e os poderes politicos do estade muito pouco, este ministro que não reconhecia senão os ultimos, e não tinha relação com os primeiros não podia ter quasi nenhuma influencia na politica geral do governo, o que na verdade era constante nos circulos bem informados.

Taes eram os caracteres de que era composto o ministerio que governava o paiz nos dias de março, passaremos agora aos seus actos anteriores a esta epoca, o que são a causa unica dos acontecimentos de março. Havia muito tempo que a Guarda Nacional de Lisboa por um rasgo de patriotismo, de desinteresse e de devoção civica fazia gostosa, e sem murmurar o serviço da capital; em meio de profunda tranquilidade discutia o congresso e a lei fundamental com prudencia, moderação, e liberdade completa. Os ministros se não governavão melhor, era porque não sabiam mais, ou porque não queriam; se quizerem ser verdadeiros hãode diser que nunca sentiram coacção, senão d'essa força inimiga da Revolução de setembro: S. Magestade a Rainha, tinha tanta liberdade que até tinha negado a sancção ás leis das côrtes constitucionaes, cousa que seus augustos predesecessores não tinham